

A Escrita como construção de saberes

Lina Maria Vieira da Silva de Jesus Bizarro Alexandre

**Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino de Português e de Língua
Estrangeira, Francês, no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino
Secundário**

Setembro, 2012

A Escrita como construção de saberes

Lina Maria Vieira da Silva de Jesus Bizarro Alexandre

**Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino de Português e de Língua
Estrangeira, Francês, no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino
Secundário**

Setembro, 2012

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Português e de Língua Estrangeira, Francês, no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, realizado sob a orientação científica do Professor Doutor Nuno Júdice, Professor Associado do Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas e da Doutora Christina Dechamps, Leitora do Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Dedico este trabalho

ao meu companheiro de um quarto de século, com quem sempre compartilhei os bons e os maus momentos, pelo seu incondicional apoio, compreensão, amor e que sempre acreditou em mim.

Aos meus filhos que, cada um à sua maneira, tudo fizeram para a concretização deste projeto transmitindo força, coragem e amor.

À minha amiga de sempre para quem nem palavras tenho, nem preciso, percebemo-nos bem, sem falar, a Bábá.

À minha colega de estágio, que se tornou, quase logo, uma amiga, cúmplice de sentidos e sentimentos. Sem ela tudo seria mais difícil.

Aos meus pais.

Para todos o meu amor, amizade e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos orientadores, Doutora Christina Dechamps e Professor Doutor Nuno Júdice, por todas as sugestões e total disponibilidade demonstrada.

O meu reconhecimento estende-se às Professoras Danielle Place Oliveira e Graciete Silva, pelos conhecimentos facultados.

Estou igualmente grata às Professoras Maria do Carmo Vieira da Silva e Célia Figueira, pelo enriquecimento transmitido tanto em termos científicos como humanos.

Não posso esquecer, o contributo que a Professora Doutora Maria Luísa Álvares Pereira teve para comigo enviando-me o seu livro, *Escrever em Português Didáticas e Práticas*, Edições Asa, 2000, que se encontra esgotadíssimo e que faz muita falta no mercado para o estudo da Língua Portuguesa, onde encontrei muita informação.

Gostaria de agradecer às orientadoras da Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, as Professoras Maria Manuel Martins e Alexandra Alves, cuja experiência me revelou outra visão do ensino.

Uma palavra de agradecimento muito especial à minha família que me apoiou incondicionalmente.

A ESCRITA COMO CONSTRUÇÃO DE SABERES
THE WRITING AS A KNOWLEDGE CONSTRUCTION

LINA MARIA VIEIRA DA SILVA DE JESUS BIZARRO ALEXANDRE

RESUMO

ABSTRACT

PALAVRAS-CHAVE : alunos, escrita, observação, metodologias

KEYWORDS : pupils, writing, observation, methodologies

O presente relatório pretende descrever todo o trabalho realizado pela professora estagiária no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada (PES), realizada na Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, no ano letivo de 2011/2012. O relato e a reflexão centrar-se-ão na observação de um nível de ensino em Português, o 12º ano e de dois níveis de ensino em Francês, o 9º e o 12º anos. Para além do tema abordado, *A Escrita como construção de saberes*, ser o ponto de partida para a reflexão da PES, outros pontos, como a planificação, a prática e as metodologias serão abordadas.

This report intends to describe all the work conducted by the trainee teacher in the Secondary School Fernão Mendes Pinto, throughout the school year 2011/2012. One of the aims is to analyze some questions raised by the observation of one level in Portuguese and two levels in French. My choice of topic *The Writing as a Knowledge Construction* serves as a starting point for critical reflection about my train sheep, but I also devote my attention to other areas as planning, the practice and methodologies.

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo I: Apresentação e argumentação do tema	3
I.1. Introdução.....	3
I.2. Argumentação do tema	5
I.2.1. A linguagem escrita: um objetivo complexo	5
I.2.2. Escrita na aula: O Papel do Professor de Português.....	8
I.2.3. Escrita na aula: O ensino de uma língua estrangeira (o Francês).....	11
Capítulo II: Enquadramento Institucional: caracterização da Escola Cooperante	14
II.1. Descrição do Estabelecimento de Ensino e sua Localização	14
II.2. Comunidade Educativa – Acolhimento, Projetos e Protocolos	15
Capítulo III: Prática de Ensino Supervisionada (PES)	17
III.1. Ensino do Português	17
III.1.1. Caracterização da Turma de Português 12º3	17
III.1.2. Observação das Aulas de Português da Professora Maria Manuel Martins.....	19
III.2. Lecionação das Aulas de Português.....	22
III.2.1. A planificação como suporte de trabalho	22
III.2.2. Ricardo Reis: Unidade Didática.....	24
III.2.3. <i>Mensagem</i> , de Fernando Pessoa: Unidade Didática	26
III.3. Ensino do Francês	29
III.3.1. Caracterização da Turma de Francês 9º5	29
III.3.2. Caracterização da Turma de Francês 12º7	30
III.3.3. Observação das Aulas de Francês da Professora Alexandra Alves.....	31

III.4. Lecionação das Aulas de Francês.....	32
III.4.1. A planificação como suporte de trabalho	32
III.4.2. As minhas aulas na Turma 9º5	34
III.4.3. As minhas aulas na Turma 12º7	35
Capítulo IV: Reunião Semanal com as Orientadoras	39
IV.1. Reflexão sobre Metodologias a adotar para cada uma das Turmas	39
Capítulo V: Atividades efetuadas na Escola e para a Escola	41
V.1. Palestra sobre a Francofonia	41
V.2. Palestra do Professor Doutor João Costa na Escola Secundária Fernão Mendes Pinto	41
V.3. Formações	42
Capítulo VI: Análise sobre a Prática de Ensino Supervisionada	43
VI.1. Balanço Final	43
Conclusão	45
Bibliografia	47
Anexos	i

Eu não escrevo em português. Escrevo eu mesmo.

Fernando Pessoa

INTRODUÇÃO

O presente relatório ambiciona delinear e percorrer de forma fundamentada e descritiva as minhas experiências no papel de estagiária, das atividades realizadas e construídas, bem como de todas as expectativas por mim sentidas, no ano letivo de 2011/2012. Pretendo expor as reflexões e as aprendizagens que ocorreram no decurso da minha Prática de Ensino Supervisionada (PES) em Português e Francês, que teve lugar na Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, em Almada.

Cumpr-me informar que na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, a orientação de Francês foi realizada pela Doutora Danielle Place e pela Doutora Christina Dechamps. Lembro que esta orientação teve duas fases. Delimitando-as, a primeira ocorreu no primeiro semestre do ano letivo de 2011/2012, no decorrer das sessões dos Seminários de Didática e Metodologia do Ensino do Francês II e também, sempre que necessário, durante os horários de atendimento ou via e-mail. Concluído o primeiro semestre, a orientação passou a ser efetuada pela Dr^a Christina Dechamps. No que diz respeito à Didática e Metodologia do Ensino da Literatura a orientação foi efetuada pela Dr^a Graciete Silva.

O meu estágio esteve subordinado ao tema “A Escrita como construção de saberes”, de forma a abordar a escrita e poder dar conta das dificuldades que os nossos alunos têm nesta área, não restringindo a necessidade de refletir sobre outras temáticas que foram surgindo ao longo do estágio.

Darei conhecimento das minhas experiências como estagiária e das atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo. Tive oportunidade de agradecer, no primeiro contacto telefónico, efetuado em 04.07.2011, às minhas orientadoras, a professora Maria Manuel Mourato Martins, de Português, e à professora Alexandra Alves, de Francês, a disponibilidade demonstrada por ambas, pois sem elas este estágio não seria possível.

Assisti às aulas de uma turma de 12^º ano de Português e a duas turmas de Francês, um 9^º ano e um 12^º.

Foi também com muito agrado que assisti às aulas da minha colega de estágio, Sylvie Narciso, pois foram sempre motivadoras e interessantes.

Desta forma, tenciono, ao longo do relatório apresentar as minhas reflexões, explicitar o que fiz, objetivar as decisões que tomei e justificar os caminhos que escolhi percorrer.

Capítulo I: Apresentação e argumentação do tema:

Os prazeres contagiam-se não se impõem.

Fernando Savater (2010)

I.1. Introdução:

Considero que o gesto de escrever exige reflexão e conhecimento em relação ao conteúdo do que pretendemos expressar e à forma como a língua é usada enquanto instrumento de comunicação. Assim, cada tipo de texto exige uma habilidade específica na sua construção já que o grande desafio da escrita reside no modo como o escrevente se permite utilizar a palavra com o intuito de ser trabalhada para um fim determinado.

Aprende-se a escrever, escrevendo com frequência, redigindo, registando, com a ajuda de alguém que domine a prática, que vá consertando e aconselhando quem vai produzindo textos. Pretendo aqui, abarcar não só a escrita nas aulas de língua materna mas também a escrita de uma segunda língua, Língua Estrangeira, neste caso o Francês. Cada uma delas requer um léxico particular e uma diferente estrutura textual. Não podemos esquecer-nos que na língua materna existe, logo à partida, um conhecimento implícito da Língua. Numa aula de Português, aliás penso que este tipo de atitude devia ser fomentada nas várias disciplinas, os alunos deviam ser ensinados e motivados a tomar notas, a pesquisar, a produzir ficheiros, a sintetizar e por fim, a saber utilizar todo este material. Neste sentido, os alunos devem empregar estas aprendizagens e o professor de Língua materna deverá impulsionar os alunos de modo a que saibam apropriar-se destas técnicas de trabalho, pois poderão ser trabalhadas noutros contextos e nas outras disciplinas. Na Língua Estrangeira, todas estas técnicas podem beneficiar o trabalho e a aprendizagem dos alunos contudo, outras podem ser importantes uma vez que a repetição, a audição a concretização de experiências podem ajudar a motivar o aluno e à sua aprendizagem.

Podemos pensar no tipo de escrita requerido pela Matemática ou pelas Ciências, por exemplo e observamos uma escrita concisa, na generalidade dos casos. Os textos não literários, noutras áreas, sejam informativos, jornalísticos ou opinativos

carecem muitas vezes de clareza, objetividade, coesão e coerência; os literários ou narrativos, como por exemplo os contos, as novelas ou os romances, devem preocupar-se com a qualidade estética utilizando uma linguagem especial, criativa e até transgressora.

Desta forma, penso que o ato de escrever serve como diálogo próprio, ou seja consigo mesmo e também como canal de expressão das experiências, conhecimentos e reflexões sobre si e com o mundo. Pretendo dizer que para se escrever tem que se pensar e esse exercício contribuirá para melhorar o desempenho na comunicação escrita e conseqüentemente também na oralidade.

Partindo destas premissas desejo fundamentar, argumentando, quais os motivos que me levaram a escolher este tema “ *A Escrita como construção de saberes*”, e de que modo construí, manipulei e utilizei materiais para o que pretendo demonstrar. Explicarei como a escrita funciona e é utilizada de forma diferente nos aprendentes de língua materna e nos alunos que aprendem uma língua estrangeira.

Encontrei dificuldades várias e até algumas barreiras com que os alunos se depararam no seu dia a dia, uma vez que esta construção de saberes acompanha também a construção do aluno enquanto aprendente e indivíduo, um cidadão do mundo; pessoalmente também vivi novos ensinamentos que fazem já parte de mim.

Finalmente, elaborarei uma reflexão baseada em todo o trabalho que fiz, desde as várias formações a que assisti, passando pelo meu papel de observadora, fruindo assim de uma outra visão a que me propus e que tinha que seguir para a realização deste trabalho, que muito me agradou. Refletirei ainda sobre como poderemos, no desempenho do papel de ensinantes, promover a escrita sem esquecer que a leitura lhe está intimamente associada ou se quisermos, coladas, pois estas duas competências são indissociáveis.

Respeitei criteriosamente o Programa de Português facultado pelo Ministério da Educação, no que respeita ao 12º ano. O mesmo aconteceu com a Língua Estrangeira, neste caso o Francês referente ao 9º e ao 12º anos.

I.2. Argumentação do tema

I.2.1– A linguagem escrita : um objetivo complexo

Após uma busca exaustiva de informação e de uma profunda reflexão deparei-me com algo que se revelou ainda surpreendente: não é fácil aprender a escrever, não é fácil escrever, não é fácil ensinar a escrever. No caso concreto do ensino da escrita, o professor deve apontar para uma difusão rigorosa do conhecimento da língua e acompanhar os alunos na sua produção; tarefa nada fácil uma vez que a continuidade pedagógica é algo que nem sempre acontece nas nossas escolas.

Saliento que aprender a escrever põe em evidência muitas questões. Hoje em dia já se admite a complexidade de uma atividade que em si encerra as dimensões da escrita, e que, passando pelas disciplinas de linguística vai percorrendo também as culturais e as sociais. Friso também a contribuição de outras áreas, como por exemplo, a neurologia, a psicolinguística, a psicologia cognitiva, as ciências humanas entre outras, que referem que a produção escrita é de facto muito complexa sendo o produto de um processo que, como acabámos de observar, tantos campos envolve. É uma atividade dirigida e encaminhada para um fim com um objetivo mas, para esse culminar tem que passar por vários estádios.

Esta atividade exige um amadurecimento e uma maturação, inclusivé do sistema nervoso e muito treino, uma vez que a escrita exige não só uma formulação do pensamento mas também uma boa produção verbal; não escrevemos como falamos por isso temos que transformar esse pensamento numa criação, num produto escrito. Não podemos esquecer-nos que quando ouvimos alguém que fala a nossa língua, língua materna, apreendemos o que nos é dito e, muitas vezes, sem querermos, absorvemos certas características do falante; se for das nossas relações, do nosso círculo, será por nós reconhecido; caso não o seja, identificaremos o sexo, saberemos se é homem ou mulher, perceberemos mais ou menos a sua idade e, provavelmente o estrato social será identificável assim como a sua educação; uma série de implícitos darão lugar a algo explícito.

Uma língua escrita é basicamente uma representação de uma língua falada; contudo, raramente é o seu reflexo exato. Quero aqui referir-me, por exemplo à variação dialetal que na oralidade é algo percebido pelo indivíduo que ouve, o ouvinte, e na escrita não é tão sentido, sendo um processo mais ligeiro, uma vez que não se reflete tanto na língua escrita. Digo que não é tão perceptível uma vez que são utilizados outros recursos como a pontuação, a acentuação ou outros sinais gráficos ou linguísticos. Estes recursos não passam de tentativas de reprodução da língua falada. O uso mesmo dizer que em termos de oralidade, as diferenças podem ser tão profundas que podem mesmo colocar em risco a comunicação enquanto que na escrita essa comunicabilidade será provavelmente igual ou semelhante. A escrita, não ocorre sempre do mesmo modo, tudo depende, tal como a língua falada, do contexto em que ocorre que pode ser, por exemplo formal ou informal, orientada ou não. Tempos houve, em que a escrita esteve quase ausente dos programas curriculares, tendo eu própria vivenciado essa experiência, uma vez que frequentei sempre o Curso Unificado, no período experimental ou seja, cada primeiro ano até ao último, o 12ºano.

Desta forma, Maria Luísa Álvares Pereira refere na sua obra, *Escrever em Português Didáticas e Práticas* (2000), que:

a escrita constitui um domínio particularmente problemático, dado que, por um lado, na década de 80, ela não constituía uma preocupação central dos programas em vigor e que, por outro lado, nas duas ou três décadas anteriores, ela foi objecto de um tratamento didáctico pedagógico que não serve a actual escola, marcada pela heterogeneidade dos públicos. [p. 15]

Mais tarde, na década seguinte, os novos programas de Português, conseguiram trazer para a sala de aulas um novo e merecido estatuto para a escrita embora no meu entender e como pude constatar, não é suficiente.

A capacidade de produzir textos escritos constitui hoje uma exigência generalizada da vida em sociedade, imposta por esta, há cada vez mais necessidade de as pessoas revelarem capacidades de escrita para atmosferas variadas.

Por isso, a Escola (Instituição) deve tornar os alunos capazes de criar e manusear documentos que lhes proporcionem acesso às múltiplas funções que a escrita desempenha – através da escrita pode-se explicar, persuadir, dar a conhecer opiniões, expressar sentimentos e emoções, relatar eventos reais ou imaginários, sem esquecer que, hoje, esta duplicidade com a escrita pode sair da escola e alargar-se à comunidade por meio da internet devendo relevar que a função social da escrita foi em tempos muito mais restrita e a informação era muito menos acessível. Aqui, o professor pode desencadear as mais diversas situações em que se recorre à escrita mas com objetivos muito definidos: quem escreve?, para quem?, sobre o quê?, como escreve?.

Esta complexidade da escrita e as competências que utilizamos quando escrevemos, sem darmos por isso, toca todos os que escrevem. Deste modo, penso ser muito importante estimular o desejo de escrever desde a mais tenra idade, e que o aluno veja sentido nisso, pois, como não se nasce escrevente é escrevendo que se aprende a escrever. Desta forma, a produção escrita é a transformação de informações com o sentido de um objetivo comunicacional, sendo que esta transmissão de saberes trabalhada pelo professor no contexto de sala de aulas leva a uma construção dos mesmos. Cabe ao professor possibilitar que os alunos pratiquem textos de géneros diversos, por exemplo, narrativos, recreativos, descritivos, argumentativos, a reescrita pode também ser um modelo a utilizar; considero que o professor dispõe de grande diversidade, não tem é tempo para concretizar o que pretende, muitas das vezes.

Posso então afirmar, e seguindo o CUQ (2008, p. 185) e Maria Luísa Álvares Pereira, no livro *Escrever em Português Didáticas e Práticas* (2000, p. 57), que noto aqui uma perfeita harmonia, quando ambos referem que o processo que abarca uma produção escrita envolve três subprocessos que são os seguintes: a *planificação*, onde se organiza e elabora um plano, havendo uma conceção de ideias, *textualização*, onde o escrevente seleciona as escolhas lexicais, sintáticas e de retórica, redigindo o que deverá ser um primeiro rascunho e, por fim, a *revisão*, onde haverá um exame minucioso e uma análise com o intuito de diagnosticar e modificar eventuais erros ou simplesmente melhorar o que virá a ser um produto textual final.

I.2.2 – Escrita na aula : O Papel do Professor de Português

O professor necessita de incrementar de forma ativa e consciente o seu autoconhecimento, para conferir autenticidade à relação que desenvolve com os alunos. Importa aqui realçar que essa relação de autenticidade onde devem estar presentes principalmente, o conhecimento científico, a transparência, a abertura e a atenção para com o aluno, constituem a base de uma boa relação professor/aluno.

Sabemos, contudo, que nas escolas que temos hoje em dia e com a forma como está implantado o sistema, cerca de trinta alunos por sala de aulas, em Escolas e espaços completamente obsoletos, é muito difícil um indivíduo/professor conseguir trabalhar de forma eficaz, preocupando-se com o ensino/aprendizagem dos trinta pares de olhos e ouvidos que o olham e o ouvem.

Relacionando estes problemas com tudo o que se apresenta ao professor diariamente, é importante introduzir aqui a perspetiva de Arends (2008), quando o autor diz que:

Os professores (...) devem ser capazes de estar em permanente processo de aprendizagem, à medida que o conhecimento necessário à execução do seu trabalho se modifica, em função de novos desafios e do progresso da ciência e da tecnologia. Os professores não se apresentarão na escola sabendo tudo o que precisam saber, mas sabendo como descobrir o que necessitam aprender, como o fazer e como auxiliar os outros a tornar este conhecimento significativo (...). Devem ser pessoas dotadas de amplo conhecimento e de profundo sentido de compreensão [pp. 8-9].

Após estas breves explicações e citações que vão ao encontro daquilo que para mim corresponde a um professor ideal, parto de novo para o meu tema, *A Escrita como construção de saberes*, reafirmando uma vez mais quão difícil é pormos os alunos a escrever e como a escrita é impulsionadora de e para outros saberes que se vão adquirindo, construindo, com a interação das outras competências. Sem se saber ler, não se sabe escrever; se não soubermos interpretar, como conseguiremos produzir um texto coerente e lógico?

Deparamo-nos com uma série de patamares que estão todos interligados e que fazem parte e contribuem ou fazem falta para o erguer desta construção de uma forma sólida, coerente e consciente. Esta construção nunca terá fim. Ao longo das nossas vidas crescerá connosco e fará parte de nós, indivíduos, que farão parte de uma comunidade educativa multicultural, onde imperam conceitos educacionais de carácter tripartido – quem ensina, a quem se ensina, o que se ensina- sempre com uma intencionalidade subjacente, ensinar através de atividades variadas, com resultados previamente determinados, construindo.

O professor necessita possuir uma ideia aproximada dos alunos que tem à sua frente para poder fazer, construir com eles, nas suas aulas um espaço aberto à descoberta, despertando a curiosidade pelas palavras, pelo conhecimento, mostrando-lhes quão fundamental é, o papel da escrita nas suas vidas. Não deve porém esquecer-se que os alunos são unos e por isso, cada um é detentor de um ritmo próprio e uma apreensão do que o rodeia, diferente dos outros.

Neste meu estudo, e a título de conversa com uns quantos jovens, inquiri o que pensavam das aulas de Português, na sua generalidade, ao que me responderam, sem delongas *que não são motivantes, são sempre o mesmo.*

Contrastando, analisei com igual cuidado um estudo produzido pela autora de um dos livros (tem outros também publicados) que auxiliou de forma notável esta minha análise, a professora Doutora Maria Luísa Álvares Pereira, *Escrever em Português Didácticas e Práticas*, quando a certa altura, refere que após um estudo efetuado em escolas secundárias e depois de uma série de entrevistas efetuadas a professores de Português, revela claramente ao que se propôs, explicando que, *Pretendendo, como já deixámos dito, problematizar as posturas profissionais de docentes de Português do ensino secundário na estruturação das suas práticas de ensino da língua materna, mais especificamente, as didácticas/práticas da escrita, assim como aos saberes que mobilizam (...)*, (2001, pp.100-101) indica que nem todos os professores entrevistados decidiram ou resolveram entrar no jogo e falar abertamente sobre o assunto. Contudo, alguns decidiram expressar-se e sobre este tema acabaram por deixar transparecer as suas principais preocupações quando confessam que, *Os alunos têm muitas dificuldades em escrever (...)*, (2001, p. 111) ou

Os alunos não correspondem ao que se quer, porque não estão bem preparados e não têm hábitos de trabalho, daí que não se tenha tempo para trabalhar a escrita (2001, pp. 115-116).

Observamos então aqui, várias dificuldades, sentidas de parte a parte e de difícil resolução, visto que, por exemplo este livro já tem doze anos e estes problemas mantêm-se.

Parece-me haver aqui alguma incompatibilidade entre a ação da escola e dos aprendentes, uma vez que em minha opinião a escola existe para preparar os alunos no sentido de conseguirem construir ao longo da escolaridade as várias competências que a escrita (refiro-me aqui só à escrita pois é o que no estudo me interessa) desempenha na sociedade contemporânea.

Deste modo, penso que o aluno deve, desde o início da escolaridade desenvolver e adquirir competências específicas para a produção de um texto. Praticando a escrita, o aprendente desenvolverá uma série de competências inerentes à mesma, combinando expressões e aprendendo a respeitar as normas que compõem uma representação escrita, um texto.

Aprender a escrever é um processo demorado e vagaroso, obrigando o aluno a uma prática intensiva que vai abrindo portas ao mesmo tempo que vai alargando os conhecimentos. Por isso, parece-me crucial a utilização e implementação de diversos géneros textuais, por parte do professor, que deverão envolver o aluno em técnicas e práticas sequenciais uma vez que, e insisto, quanto mais se praticar mais a aprendizagem dos processos que envolvem a escrita serão consolidados.

Gostaria ainda de salientar que, como muitas vezes se diz ou ouve, a escrita é sem dúvida um ato solitário; desta forma, quando escreve, o aluno é autónomo, é ele que decide o que vai escrever e como pretenderá articular a sua produção textual; quem escreve, tem ao seu alcance a possibilidade de decidir como irá organizar o seu texto, o vocabulário que poderá selecionar, corrigir e reformular – é isso que acontece num exame, por exemplo.

Por conseguinte, sem nunca poder esquecer-me que tinha em mãos uma turma de 12º ano, cujos alunos tinham por intenção entrar numa faculdade, tendo que obter

positiva num exame nacional final, pretendi que, com os trabalhos que para eles construí, praticassem e utilizassem a escrita como veículo primordial, sem poder fugir às formas impostas.

I.2.3. Escrita na aula: O ensino de uma língua estrangeira (o Francês)

Porém, no que diz respeito ao ensino de uma língua estrangeira, o Francês, agi de outro modo e utilizei outras estratégias.

Sabemos que escrever é um processo complexo, não é um dado adquirido, uma vez que escrever ou produzir um texto não consiste unicamente na produção de uma série de estruturas linguísticas convenientes, nem se cinge só a uma sequência de procedimentos, tem que haver uma coesão e uma estrutura.

Hoje em dia uma aula de Língua Estrangeira deve ser pensada numa conceção de língua onde se pretende a construção de uma aprendizagem voltada para o mundo. Deste modo, no presente, deve adotar-se uma perspetiva acional quando se trata do ensino-aprendizagem de uma língua, em que o aluno deve realizar tarefas no sentido de adotar e ser ensinado a utilizar a língua em contextos específicos.

Ora, para a maioria das pessoas o objetivo principal é comunicar o que significa ser fulcral enviar e receber mensagens eficazmente sem esquecer que, e insisto, uma aula de Língua Estrangeira é marcada pela diversidade linguística, ética, religiosa, económica, entre outras, para além da interação que o professor deve proporcionar na sala de aulas.

Além disso, e indo ao encontro da perspetiva acional deve na sala de aulas promover-se o estudo da língua/linguagem enquanto realização de atos; atenta colocar uma tónica nas tarefas a realizar. A ação deve suscitar a interação que estimula o desenvolvimento das competências recetivas e interativas. Assim, a aprendizagem de uma língua pressupõe que é necessário saber ser e fazer para saber aprender.

Deste modo, na língua estrangeira, penso que o processo de aprendizagem da escrita, deverá passar pela realização e utilização de atos de linguagem corrente, que

no contexto da sala de aulas, se possam realizar de diferentes modos, como por exemplo saber responder a um cumprimento, a um convite, saber como perguntar ou facultar uma informação, fazer uma descrição física ou paisagística (utilizei no 12º ano do Curso de Técnico de Turismo, a produção escrita de um postal); penso que devem fazer este tipo de produções escritas baseando-se num modelo dado pelo professor. Foi isso que fiz e mesmo assim os alunos depararam-se com muitas dificuldades.

Utilizei documentos autênticos (fiz o mesmo para Português) porque penso que veiculando uma comunicação real, os documentos autênticos servem para concretizar um dos grandes objetivos do ensino de uma língua estrangeira que é, a aprendizagem de uma comunicação real. Este tipo de documentos são muito importantes numa aula de língua pois o seu uso proporciona um ensino verdadeiramente virado para a realidade e para o que é usado no nosso quotidiano, proporcionando um ensino mais apelativo, motivador e sensível às necessidades dos alunos, permitindo-lhes adotar deste modo uma atitude mais ativa e criativa.

Todavia, penso que o professor deverá fornecer progressivamente uma maior complexidade ao material que for utilizando pois, o que se pretende do aluno é uma evolução, introduzindo sempre novas atividades com objetivos bem definidos.

O professor deve proporcionar algumas práticas facilitadoras, como por exemplo, a construção de um texto em grupo ou em grupos, articular a leitura com a escrita e escrever em diversas tipologias textuais, uma vez que compreensão e produção se entrelaçam podendo mesmo uma servir de trampolim à outra.

Parece-me que partindo desta premissa poderemos colocar uma série de questões que são bastante pertinentes, como por exemplo: na Escola o que os alunos escrevem é para ser lido ou corrigido? Em relação à leitura, será que a Escola tem conseguido que os alunos leiam ou pelo contrário, criaram neles algum tipo de aversão pela leitura? Como surge a aversão que os alunos de Português ou de Língua Estrangeira têm pela generalidade dos textos literários?

Com todas estas questões, pretendo finalmente levantar um ponto fulcral para o meu tema: até que ponto a Escola (instituição) entende que a escrita desempenha um papel central na construção de um indivíduo?

Ainda hoje em dia, pelas mesmas e também por outras razões que não as de antes do 25 de abril de 1974, muitos jovens têm contacto com os livros única e exclusivamente na Escola e só através dela. Refiro aqui a dimensão formadora da leitura e da escrita para onde os alunos devem ser “empurrados” e se possível ser cativados, sendo este um dos grandes desafios dos professores, seja qual for a língua.

Tal como a leitura, a cultura, o estar informado, a palavra, a escrita é e será uma arma que os alunos poderão utilizar com o intuito de uma maior humanização, na conquista que é a capacidade de ler e escrever o mundo, a sua história, a nossa história, como forma de se conseguirem expressar. Deste modo, a mobilização das competências de escrita do aluno pode ser melhorada se se jogar com uma articulação entre a leitura e a escrita.

Sugiro então algumas estratégias para ajudar os alunos a escrever/produzir um texto numa língua estrangeira:

- Construir contextos de aprendizagem produtivos.
- Construir, sempre que possível, documentos baseados na autenticidade.
- Começar pela produção lacunar de pequenos textos.
- Utilizar a repetição de exercícios.
- Introduzir um vocabulário restrito e a pouco e pouco , expandi-lo.
- Empregar uma sintaxe pouco complexa.
- Redigir pequenas frases tendo outras como modelo.
- Desenvolver todos estes itens de aula para aula.
- Explorar as capacidades criativas dos alunos, sempre.
- Ajudar, desafiando-os.
- Felicitá-los e incentivá-los, sempre.
- Exaltar a autoestima dos alunos.
- Mostrar que podemos ir, sempre, mais além.

Capítulo II: Enquadramento Institucional: caracterização da Escola Cooperante

II.1. Descrição do Estabelecimento de Ensino e sua Localização

As primeiras instalações da Escola Secundária Fernão Mendes Pinto situavam-se no centro da cidade de Almada, local onde hoje se encontra o Forum Municipal Romeu Correia. Esta escola foi, inicialmente, o prolongamento ou , se assim o preferirmos, a extensão do Liceu D. João de Castro, situado em Lisboa. Criada em 1965, deu origem ao Liceu Nacional de Almada, tornando-se autónoma nos anos de 1972/1973. É importante referir que durante alguns anos era a única escola pública da zona que tinha os cursos complementares dos liceus dando assim acesso à Universidade, servindo deste modo os concelhos limítrofes.

Em outubro de 1975, após a Revolução de Abril, a Escola mudou-se para outra zona de Almada, mais alta, denominada Pragal, cuja praça tem uma estátua do homem que deu à Escola o seu nome, Fernão Mendes Pinto, grande explorador e aventureiro português, nascido em Montemor - o - Velho e que terminou a sua vida em Almada no ano de 1583.

Esta é uma Escola antiga, 1975, não tendo sofrido quaisquer obras ao longo dos anos, é grande, pois é composta por três pavilhões teóricos, um teórico-prático e um pavilhão gimnodesportivo. As salas de aulas têm mobiliário deteriorado e caducado que mostra a não renovação, tornando-se muito desconfortáveis para os alunos e para os professores, como tive oportunidade de constatar ao longo dos dois períodos em que as utilizei. Existiam poucos computadores e tinham que ser solicitados com algumas semanas de antecedência, correndo-se mesmo assim, o risco de não estar nenhum disponível; o mesmo se passava com os leitores de CD.

Devo ainda referir que está geograficamente muito bem posicionada uma vez que dispõe de vários meios de transportes públicos que podem ser utilizados quer pelos alunos quer por todos os funcionários; desde os autocarros, ao comboio, ao metro de superfície ou outros.

II.2. Comunidade Educativa - Acolhimento , Projetos e Protocolos

O ano letivo teve início no dia 14.09.2011, com uma Reunião Geral de Professores, estando eu e a minha colega presentes, acompanhadas pelas nossas Orientadoras, Maria Manuel Mourato Martins e Alexandra Alves, de Português e de Francês, respetivamente.

A reunião teve início com a intervenção do Sr. Diretor, Professor João Gabriel estando também presentes os outros elementos da Direção.

O Sr. Diretor fez uma apresentação geral da Escola, referiu dados estatísticos (por exemplo a evolução dos resultados escolares, no ano letivo anterior, 2010/2011, realçando uma melhoria das classificações a Português e a Matemática) normas a cumprir e formas de funcionamento no Estabelecimento de Ensino.

- Para um total de 1134 alunos, o número de professores é de 111, pertencendo um ao Ensino Especial. No que diz respeito ao número de Professores de Língua, e porque é o que me importa realçar, são 27: a Português 14 , a Inglês 9, a Francês 3 e a Alemão 1. A média de idades dos docentes ronda os 45/60 anos.
- A Escola tem um lema com o qual pretende contagiar a Comunidade Educativa que é: *Caminhar no sentido da excelência.*

Realço a forma agradável como todos os docentes foram recebidos e acolhidos após a Reunião Geral de Professores tendo sido presenteados com um apetecível e diversificado banquete promovendo deste modo a harmonia e o bom ambiente entre todos.

Há uma série de Projetos Pedagógicos aos quais a Escola está associada, demonstrando que é uma Escola ativa, uma vez que promove um conjunto de atividades variadas e importantes de modo a envolver toda a Comunidade Educativa; assim, passo a nomear algumas:

- Dia Europeu das Línguas - 26.09.2011
- Dia do Diploma e do Quadro de Mérito - 30.09.2011

- Semana do Cinema Francês - 03.10.2011
- Xadrez na Escola - 19.10.11
- UWEKIND - 24.10.2011 (motivar para a aprendizagem da língua Alemã)
- Dia Nacional das Bibliotecas Escolares - 25.10.2011 (é habitual antigos alunos da escola, possuidores de uma profissão de relevo, abrangendo as mais variadas áreas laborais, colaborarem neste dia com o intuito de incentivarem os ainda estudantes e, com os seus testemunhos mostrarem quão importante foi a Escola para eles).
- Protocolos com empresas públicas ou privadas :
- Projeto Liga-te (ajudando na prevenção do absentismo escolar apoiando os jovens e respetivas famílias.
- Projeto Comenius (com o Ministério da Educação).

Conheci pessoalmente no dia 07.09.11, na primeira reunião de Diretores de Turma, as professoras que iriam ser minhas orientadoras, pois já antes as tinha contactado por e-mail, em 04.07.2011, agradecendo a disponibilidade por me receberem; demonstrei o meu imediato interesse em conhecer tanto a escola como as orientadoras mas, a resposta obtida foi que não era necessário apresentar-me antes de setembro, até por uma questão de organização por parte das orientadoras.

Desloquei-me à escola no dia 07-09-2011. Conseguimos então, neste dia, agendar os melhores horários para assistir às aulas das mesmas e também o dia de Seminário que ocorreria semanalmente com cada uma das orientadoras, a professora Maria Manuel Mourato Martins, de Português e a professora Alexandra Alves de Francês. Devo dizer que este primeiro encontro foi para mim muito agradável devido à disponibilidade e à maleabilidade que as mesmas me transmitiram.

Capítulo III: Prática de Ensino Supervisionada (PES)

III.1. Ensino do Português

Não posso dizer que seja virgem no contexto de sala de aulas, uma vez que já leciono há alguns anos, mas devo assumir que nunca o tinha feito com um 12º ano; pretendo, contudo, com esta referência sublinhar a responsabilidade de o 12º ano ser o culminar de toda uma aprendizagem que será no final do ano sujeita a um Exame Nacional.

Desta forma, estive, enquanto estagiária, muito limitada ao Programa de Português e conseqüentemente ao Plano Anual de Estudos delineado pela Escola.

Assisti a dois períodos de aulas lecionadas pela professora orientadora Maria Manuel Martins estando neste espaço/tempo incluídas as aulas da minha colega de estágio, podendo desta forma obter e emitir uma opinião consolidada em relação ao grupo-turma.

III.1.1. Caracterização da Turma de Português 12º3

Esta Turma de 12º ano, composta inicialmente por oito raparigas e doze rapazes, pertencentes às áreas das Ciências, comportava um grupo simpático, um pouco distante do que se pretendia de um grupo/turma em finalização de escolaridade e, ainda por cima, com um exame nacional final que os esperava e que eles sentiam como algo muito longínquo.

É muito importante referir que a professora Maria Manuel tinha para com esta turma uma responsabilidade acrescida uma vez que desempenhava o papel de Diretora de Turma, repreendendo os alunos diversas vezes no início das aulas, tentando incutir-lhes responsabilidades várias, tais como, pontualidade, seriedade e sentido crítico em relação às matérias estudadas e por estudar, dinamismo e eficiência entre outras.

Assisti, juntamente com a minha colega de estágio, Sylvie Narciso, no primeiro período, no dia 27.10.11, pelas 19 horas à primeira Reunião Intercalar desta turma.

A professora Maria Manuel introduziu os pontos que iriam ser discutidos, forneceu algumas informações gerais e, de seguida, deu a palavra aos outros professores. Praticamente, já todos conheciam os alunos em questão, tendo sido inclusivamente referidos alguns encarregados de educação, por motivos vários. Deste modo, eu e a minha colega de estágio estivemos presentes na Reunião Intercalar que ocorreu em 27.10.11, pelas 19 horas, onde todos os professores se manifestaram com desagrado em relação ao facto destes alunos pouco ou nada trabalharem. Saliento agradavelmente ter-nos sido solicitada opinião, no final das intervenções dos professores presentes, apesar de estagiárias. Foram posteriormente elaboradas estratégias com o objetivo da implementação de medidas conducentes ao empenhamento escolar por parte destes alunos bem como dar informações aos respetivos encarregados de educação com o intuito de acompanharem os seus educandos.

Foram delineadas estratégias no sentido de se implementarem medidas conducentes ao empenhamento dos Alunos. Nesta reunião foi também comunicada uma visita de Estudo ao Museu Gulbenkian, no âmbito do Primeiro Modernismo Português, organizada por mim e pela minha colega.

No que aos alunos respeita, como já referi, a turma era composta por 20 alunos inscritos na disciplina, constituída por oito raparigas e doze rapazes, mais uma aluna que assistia às aulas com o intuito de melhorar a nota obtida no ano anterior. Destes doze rapazes devo referir que um deles chegou mais tarde à turma mas que se enquadrou sendo recebido naturalmente e de forma afetuosa pelos colegas; importa também referir que uma das alunas mais participativas e expectáveis, por não estar agradada com as notas alcançadas na disciplina resolveu anulá-la antes do final do 2º período.

A turma, na sua generalidade, apresentava desinteresse em todas as disciplinas, não fazendo, por norma, os trabalhos de casa e demonstrando pouco empenho e interesse no decorrer das aulas, havendo mesmo um caso de abandono escolar, a meio do 2º período. Para além disto, uma aluna vinda dos

PALOP, demonstrava diversas dificuldades na Língua Portuguesa, o que originava obviamente problemas em todas as outras disciplinas; por este(s) motivo(s), a professora Maria Manuel disponibilizou-se para dar aulas de apoio não só a esta aluna mas a todos os outros. Soubemos depois que para além desta aluna só um ou dois colegas aproveitaram esta oportunidade. Mais uma vez, os restantes, demonstraram falta de curiosidade e desinteresse face ao estudo e respetiva aprendizagem .

Devo, sem dúvida, salientar o facto desta turma ser simpática e afável e cumpre-me dizer que me senti por eles muito bem recebida e acolhida, não só durante as aulas que lecionei mas também quando por eles passava nos corredores. Fiquei deveras surpreendida e posso até dizer comovida quando, no último dia de aulas da minha colega, Sylvie Narciso, antes de saírem da sala de aulas, os alunos se juntaram à porta pedindo para se despedirem de nós duas. Posteriormente, a nossa orientadora referiu que em tantos anos de orientação de estágios, esta tinha sido a primeira vez que tal tinha ocorrido. Para eles um bem haja.

III.1.2. Observação das aulas de Português da Professora Maria Manuel

Martins

A professora Maria Manuel Martins leciona há quase três décadas neste Estabelecimento de Ensino.

Assisti a 85 aulas da professora orientadora, estando neste número incluídas as que foram lecionadas pela minha colega de Prática de Ensino Supervisionada, Sylvie Narciso, que muito prazer me deram, pois pude contemplar o nascer de uma nova professora e, confesso, era sem dúvida uma forma de apoio que funcionava para ambas como indispensável.

Tive plena consciência que não é fácil observar objetivamente o que se passa numa sala de aulas porque os acontecimentos ocorrem rapidamente ao mesmo tempo que há uma grande complexidade de ações.

Como observante utilizei o meu caderno como suporte registrando nele tudo o que ia ocorrendo em cada aula, a forma como era construída e orientada pela professora, ao mesmo tempo que me apoiava numa grelha por mim construída e elaborada para o efeito (cf. Anexo 1).

Proponho-me então, passar a descrever o somatório das aulas e as características que as mesmas comportavam, resultando daí “ um todo “, para posterior utilização e aprendizagem.

A professora Maria Manuel Martins transmite aos alunos grande determinação quanto aos seus objetivos, impondo o respeito e a disciplina na sala de aula, recorrendo a permanentes chamadas de atenção, à elevação do tom de voz e a alertas constantes para o Exame Nacional no final do ano letivo pois, recorde, para além de ser professora de Português de um ano conclusivo e importante, um 12º ano, era também a Diretora de Turma destes alunos, acarretando com esse fator, maiores responsabilidades.

Deste modo, as aulas tinham início, habitualmente, com uma síntese da aula anterior proferida pela professora ou por ela solicitada aos alunos, e eventual correção dos trabalhos de casa (havia sempre muitos problemas com esta turma no que se refere à elaboração dos trabalhos de casa, pois o mais frequente era não os fazerem, nem a Português nem a Matemática, socorrendo-se a professora mais uma vez nestas situações que, devo dizê-lo, eram recorrentes, do seu papel de Diretora de Turma).

Explicava sempre as tarefas que se iriam desenrolar na aula, mostrou sempre disponibilidade para o esclarecimento de quaisquer dúvidas que ocorressem, incitando-os a questionar. Partilhava notícias ou acontecimentos do dia a dia ou curiosidades que lhe parecessem pertinentes para desta forma enriquecer a cultura geral dos mesmos. Apresentou sempre os seus saberes de forma a suscitar o pensamento crítico dos alunos, utilizando e aproveitando também as intervenções destes na construção do conhecimento aproveitando mais esta forma para os motivar.

Eram frequentemente feitas fichas na aula através da utilização do manual ou de outros suportes elaborados pela professora; recordava-lhes sempre que, a finalidade de todos os trabalhos efetuados ao longo do ano, tanto no contexto de sala

de aulas como fora, podendo ser em casa, era torná-los autónomos e independentes, relembrando-os que a Escola dispunha de uma excelente biblioteca. Responsabilizava-os, revelando uma atitude segura até mesmo em situações inesperadas. O fecho da aula era muitas vezes a síntese do que nela tinha sido trabalhado.

Foi para mim muito útil ter tido a oportunidade de assistir às aulas de uma pessoa cuja experiência demonstra ser facilitadora da aprendizagem por parte dos alunos, mantendo nas aulas uma postura muito formal e um pouco austera, comportando em si excelente competência científica, características que de certo modo me pareceram apreciadas pela generalidade dos alunos.

É importante referir que a professora que se disponibilizou para orientadora de estágio, leciona na ESFMP há mais de vinte anos, e tentou transmitir-nos, a nós, estagiárias, os seus conhecimentos e experiências.

Penso ser fundamental assistir às aulas dos professores orientadores, para desta forma tomarmos conhecimento da(s) melhor(es) forma(s) de transmitir aos alunos o que se pretende.

A Reunião com os Encarregados de Educação teve lugar no dia 09.11.11 cerca das 19 horas, tendo nós, as professoras estagiárias assistido e fomos inclusivé apresentadas aos dez Encarregados de Educação presentes. A Diretora de Turma, para além de outros aspetos importantes, fez questão de sublinhar o que foi transmitido em Conselho de Turma salientando o facto de os alunos demonstrarem falta de hábitos de estudo.

As aulas da professora orientadora Maria Manuel transmitiram-me que o espaço de sala de aulas deve ter um ambiente formal, que os alunos devem ter espírito crítico e para isso devem pensar no que lêem e observam, e que eram recorrentemente enviados trabalhos de casa que os alunos raramente faziam. A professora, recordava constantemente que esses trabalhos eram uma ajuda no sentido de os tornar autónomos e independentes, lembrando-os sempre que, no final do ano letivo, um exame nacional os esperava.

Nas aulas que observei, foquei-me sobretudo na forma como eram construídas e orientadas pela professora, fatores importantes que me ajudarão futuramente, não

descurando nunca quem sou, mantendo a minha identidade, apesar de nos tempos que atravessamos muitos professores queiram abandonar a profissão. Pois eu pretendo continuar a abraçá-la com todas as forças e por muitos e longos anos, sempre aberta a novas aprendizagens, seguindo-me pelo conhecimento que deve ser sempre crescente e atual em prol do mais importante, os alunos, que são quem verdadeiramente me interessa neste complexo processo que é ensinar.

III.2. Lecionação das Aulas de Português

III.2.1. A planificação como suporte de trabalho

A orientadora de Português não disponibilizou nenhum modelo de planificação, ficando ao critério de cada uma, a realização da mesma. Durante a PES, solicitou três planificações a médio prazo e uma por cada aula lecionada.

Inicialmente, não me pareceu muito fácil elaborar uma planificação de aula de um modo que pudesse mostrá-la e que alguém, neste caso as minhas orientadoras, a entendesse com clareza. Sabia, até por experiência própria, e depois pela observação de aulas que fiz, que uma aula tem passos que devem ser criteriosamente elaborados e na maioria das vezes seguidos o que às vezes se pode tornar ambicioso.

Pareceu-me então, que muito a propósito, Emília Amor (2006) do livro *Didáctica do Português – Fundamentos e Metodologia*, a certa altura nos diz que:

*o essencial da planificação passará, então, a ser o modo de a estruturar, tomando decisões – seleccionando e procurando actuar – sobre uma série de variáveis curriculares, gerais e específicas da língua materna, que asseguram a diversidade e a riqueza das situações e dos processos de aprendizagem. A planificação será, assim, algo muito próximo da **construção/controle da variação**.*[p. 44]

A propósito, “Quando a planificação é bem feita, os acontecimentos encadeiam-se harmoniosamente de uma fase ou passo para o seguinte. Para o

observador inexperiente e para os próprios alunos, mal se notam as transições.”
(Arends, 1997, p.66).

Neste caso estou simplesmente a referir-me ao encadeamento de uma aula, no que diz respeito à matéria que tem/deve ser dada naquela aula específica; penso que todos sabemos(quem está envolvido no ensino) que uma aula pode estar planificada de uma forma que nos pode parecer quase infalível e que mesmo assim, poderá não ocorrer da forma por nós planeada, sem dúvida que isso acontece. E depois? Qual é o problema? Penso que o propósito do professor é estar presente para o que é por ele programado mas também para quando acontecem situações inesperadas ou mesmo surpreendentes. É estar lá, disponível para os seus alunos e conseguir cativá-los, algo que nos nossos dias não é nada fácil devido à quantidade de solicitações a que estão expostos. Uma das principais condições , em meu entender, que um professor deve ter, é essa, estar lá, disponível, sempre.

A professora Maria Manuel Martins disse-me algumas vezes que as minhas planificações pecavam por omissão não refletindo a totalidade do que se passava nas aulas ou/nem explicitando adequadamente os materiais ou referências por mim utilizados. Tentei então começar a construir planificações mais transparentes, utilizando o óbvio, os vários passos a seguir, um a um, elaborando para isso um quadro tipo (cf. Anexo 2) onde colocava os objetivos, as competências, os conteúdos/atividades com o tempo provável para cada um, os recursos e a(s) forma(s) de avaliação por mim utilizadas. Tentei articular a planificação recorrendo a competências/recursos programáticos específicos, procurando utilizar o manual de forma criteriosa, pois é com muitas dificuldades que os pais os compram. Utilizei também outros materiais, dos quais me socorri (cf. Anexo 3) para motivar os alunos e mostrar-lhes que um escritor é ou foi um ser vivente e por consequência, real.

Claro que algumas vezes, devido a questões que os alunos colocavam ou a propósito de comentários que teciam, a planificação era logo ali reajustada pois, em minha opinião, deve ou pode haver uma replanificação sempre que necessário uma vez que uma aula não é algo estático e exige interatividade; o professor deve dar tempo(s) aos alunos, não devendo apressar as atividades de modo a conseguir cumprir

a planificação, devendo esta funcionar como uma ferramenta maleável e adaptável ao que de inesperado pode surgir na sala de aula.

Fiquei agradada quando na última aula por mim lecionada, a professora Maria Manuel Martins me disse, e cito, “cumpriste escrupulosamente os tempos”, entre outros pareceres.

Todas estas situações se passaram também nas aulas de Francês, embora de outra forma, pois os alunos não eram os mesmos, e, a meu ver, devemos ter sempre em atenção que, o que funciona com uma turma pode, e isso é muito comum, não funcionar com outras; outra diferença é o facto de estes serem aprendentes de uma Língua Estrangeira. Também refiz as primeiras planificações de Francês, seguindo as indicações da minha respetiva orientadora, no sentido de as completar evitando omitir o mais pequeno pormenor.

Após estas experiências, e refletindo, uma planificação é sempre composta primeiro pela decisão do conteúdo que se pretende ensinar e o tempo dispendido; seguidamente pelas orientações que devem ser dadas, as questões a colocar e o tempo previsto para esta fase e finalmente surge a análise à progressão que os alunos foram obtendo, culminando o processo na avaliação que é também uma área complexa pois as decisões tomadas pelos professores vão implicar na vida do aluno. A avaliação poderá ser feita através de um carácter informal, baseando-se na observação e na troca de palavras professor aluno ou aluno/aluno. Como complemento, e ambas funcionam obrigatoriamente em conjunto, temos a avaliação formal, suportando-se esta, em algo mais palpável como por exemplo, com os testes, os trabalhos de casa, os relatórios escritos, enfim, num trabalho real e concreto elaborado pelo aluno.

III.2.2. Ricardo Reis: Unidade Didática

Pretendo reportar-me a um tempo anterior, ao dia 19.10.2011, à minha primeira aula lecionada a esta turma, em que dei início ao estudo de *A dicotomia realidade/sonho e a fragmentação do “eu”*, em Fernando Pessoa. Iniciei a aula, explicando ao aluno nº 28, o significado da palavra *dicotomia*, uma vez que fui por ele

interpelada nesse sentido. Seguidamente, fiz como atividade uma chuva de ideias, tendo os alunos correspondido. Os alunos fizeram uma leitura silenciosa dos poemas, *Entre o sono e o sonho* e *Sonho. Não sei quem sou neste momento*, de Fernando Pessoa, que se encontravam no manual nas páginas 21 e 22 respetivamente. Fizemos a identificação das marcas vocabulares comuns aos dois poemas e registei-as no quadro. Por fim, após o diálogo professora/alunos com o objetivo de posicionar o sujeito poético face ao sonho/realidade foi tudo sistematizado no quadro. A aula terminou com a leitura expressiva dos poemas efetuada por dois dos alunos.

No dia 21.10.2011, os primeiros trinta minutos da mesma foram dedicados à consolidação e conclusão de aula anterior. No que considero ser a segunda parte/tema da aula, *A fragmentação do eu*, optei por fazer despoletar comentários dos alunos a partir dos vocábulos *fragmentação* e *eu*, com o objetivo de promover uma atitude ativa por parte dos alunos; seguidamente, distribuí pelos alunos o poema *Não sei quantas almas tenho*, (do qual junto anexo bem como do questionário correspondente e respetivas planificações) (cf. Anexo 4). Passámos à sistematização escrita no quadro e nos cadernos.

Quanto ao tema propriamente dito, Ricardo Reis: Unidade Didática, devo dizer que dei duas aulas de noventa minutos e um tempo de quarenta e cinco minutos, tendo iniciado no dia 22.11.2011. Ficou combinado, no Seminário de 09.11.2011, que a orientadora introduziria este heterónimo de Fernando Pessoa, como aliás fez com todos. Iniciei a aula com uma exposição por mim elaborada e direcionada aos alunos com o intuito de explicar os conceitos, Estoicismo e Epicurismo, aproveitando os manuais que possuíam, pedindo a um ou outro para proceder à leitura de algo que antes eu tinha determinado. De seguida iniciámos o estudo do poema *Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio*, procedendo a uma leitura, primeiro do poema, à sua interpretação, à delimitação do mesmo em partes lógicas, finalizando com justificações efetuadas pelos alunos. Nas seguintes aulas explorámos a importância dos advérbios de modo neste poema, o emprego dos modos verbais, finalizando com a identificação da filosofia de vida de Ricardo Reis efetuada pelos alunos e por mim reforçada. Pareceu-me que no cômputo geral a matéria ficou consolidada.

III.2.3 *Mensagem*, de Fernando Pessoa: Unidade Didática

No dia 07.12.2011, na reunião semanal ou seminário efetuado pelo Núcleo de Estágio de Português e Francês, composto pela orientadora Maria Manuel Martins, eu e a minha colega de estágio, determinou-se a calendarização das aulas por nós lecionadas. As mesmas, decorreriam nos meses de janeiro e fevereiro e caberia a cada uma seis blocos, não podendo deste modo proceder à leção da totalidade de uma unidade didática; a orientadora procedeu a sugestões de execução das minhas próximas aulas que teriam lugar no início do novo ano.

Recomecei, tal como previsto, as aulas supervisionadas no segundo período, no dia 04.01.2012, com o objetivo de introduzir e contextualizar a obra *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

Até este momento, os alunos já tinham conhecimento da variedade temática do Ortónimo, bem como do jogo heteronímico criado por Fernando Pessoa. Era pois fundamental, que *Mensagem* fosse perspectivada dentro do contexto nacional e internacional em que foi criada, bem como relevadas as características laudatórias e simbólicas da única obra de Fernando Pessoa publicada em vida. Uma das minhas preocupações era que os alunos conseguissem sentir a contemporaneidade da obra, ligar o passado ao presente.

Após ter pesquisado diversas fontes, foi através da Fundação Mário Soares que encontrei um documento que considerei pertinente. Na página cinco do já extinto jornal *Diário de Lisboa*, de 14.12.1934, no suplemento literário, selecionei uma entrevista com o próprio Fernando Pessoa, com ilustrações inéditas de mestre Almada Negreiros, aquando da publicação da obra *Mensagem* e do recebido prémio Antero de Quental. Os alunos leram a supracitada entrevista em voz alta, à medida que lhes ia explicando o uso de certos vocábulos (cf Anexo 5).

A atividade foi motivadora e proveitosa para os objetivos que delineei, no sentido de os alunos rasgarem horizontes para a intencionalidade comunicativa da obra, tendo obtido um bom grau de concretização dos pontos indicados na

planificação. Considerei ter conseguido passar a minha própria “mensagem” e ter-lhes despertado interesse para o estudo da obra.

Recorri à estratégia didática de iniciar as aulas retomando o ponto em que tinha ficado nas aulas anteriores, respeitando o modelo que fui observando através da minha orientadora, para sempre em conjunto com os alunos conseguirmos fazer uma breve síntese. A presente metodologia teve por objetivo promover a participação destes, aferindo o grau de aprendizagem que ia ocorrendo, reforçando um encadeamento lógico e a progressão do estudo desta unidade didática.

Propus várias vezes o uso do manual através da leitura, da execução de exercícios escritos, do cruzamento de páginas, já que os Alunos não estão habituados ao manuseamento do mesmo; elaborei também uma série de fichas de trabalho (cf. Anexo 6) e algumas vezes entreguei na aula seguinte a correção da(s) mesma(s) por escrito. Com um 12º ano, a preocupação principal visa sempre o exame final, onde a escrita tem valor supremo, e daí a minha constante preocupação nos textos por eles elaborados.

Saliento que este tipo de atividades que concretizei com estes alunos derivou de uma opção didática consciente por mim assumida: o facto de ter privilegiado uma exploração de materiais mais concretos, conseqüentemente, menos virtuais, foi a opção óbvia, a partir do momento em que tomei conhecimento de que, pelo menos dois alunos não possuíam computador. Abracei deste modo a teoria da “escola inclusiva”, consciente de que as dificuldades económicas e sociais seriam diluídas ao invés de acentuadas.

Sempre de acordo com a metodologia que resolvi adotar, mostrando-lhes o que diariamente os rodeia, levei uma das vezes para o contexto de sala de aula a *Revista Ler*, de setembro de 2008, um *Suplemento do jornal Público*, de 06.01.2012, uma *Newsletter* que tinha trazido da Fundação Calouste Gulbenkian (levada de propósito para o efeito) que foram sendo manuseados pelos alunos, com o intuito de lhes dar a conhecer *Eduardo Lourenço*, pois constavam entrevistas com o próprio, que foi eleito Prémio Pessoa, passando de seguida ao manual para poderem visualizar uma entrevista ao mesmo autor, mostrando-lhes que afinal, *Eduardo Lourenço*, fazia já parte deles.

Realizámos também trabalhos de pares pois parece-me fundamental saberem partilhar ideias e seleccioná-las, tendo sido posteriormente apresentadas por escrito ou oralmente.

A professora orientadora, fez sempre questão de sublinhar que é importante fazer sínteses, de forma a que os alunos possam memorizar com maior facilidade as várias partes da matéria, indicação que segui, por achar válida e pertinente.

Interagi com eles, escrevendo no quadro, apresentando-lhes um esquema com o objetivo de explorar o significado dos vocábulos *Mito* e *Mitologia*, através de uma chuva de ideias para depois lhes explicar qual o significado de *Ulisses* e porque razão é o primeiro herói a desfilar. Aproveitei para os informar que o manual possuía, a partir da página 355, um pequeno glossário de *Mitos e Símbolos*, uma vez que me apercebi que os alunos tinham falta de hábito no manuseamento do mesmo.

Optei em pedir-lhes para ler expressiva ou silenciosamente, conforme o(s) poema(s) que abordávamos, introduzi o *Sebastianismo* e consequentemente o mito de D.Sebastião, fizemos alguns trabalhos escritos (cf. Anexo 7)¹ e lemos a página 177, *QUINTA: D.Sebastião, Rei de Portugal*. Não tendo tido oportunidade de concluir a planificação da aula anterior, uma vez que os alunos não tiveram tempo para terminar a última questão, a aula teve início com a correção oral a essa mesma questão, concluindo a análise formal.

Finalizei esta parte de Unidade Didática (uma vez que já tinha lecionado todas as aulas previstas), no dia 20.01.2012 (cf. Anexo 8). Visualizamos, por sugestão da professora orientadora, a primeira parte de um filme realizado por João Botelho, intitulado, *Quem és tu?*, com o objetivo de reforçar e de os alunos poderem mais facilmente perceber e memorizar o que envolve e rodeia este *Cadáver adiado que procria?*, atividade que despertou interesse por parte dos alunos. Cumpri a planificação e dei por terminada a minha intervenção nesta turma mas não a minha presença.

¹ Por razões de privacidade, eliminei a identificação dos alunos nos trabalhos elaborados pelos mesmos.

III.3. Ensino do Francês

III.3.1. Caracterização da Turma de Francês 9º 5

Esta turma, composta por quinze alunas do sexo feminino e treze alunos do sexo masculino, com uma média de idades que rondava os quatorze anos, tinha então, na totalidade vinte e oito alunos, um deles a repetir o 9º ano, por absentismo escolar, e pelo que pude observar, no 2º período estava mais uma vez em risco pois teve seis negativas.

Esta turma era bastante jovem, portadora de muita alegria, trazendo para a sala de aula todo o frenesim e excitação de uma turma saudável de 9º ano.

Claro que com o passar do tempo e da observação de aulas pude constatar que para além de toda esta natural agitação, era uma turma pouco trabalhadora e que a professora Alexandra Alves fazia esforços desmedidos para os cativar e interessar chamando-lhes várias vezes a atenção para certos tipos de comportamento menos apropriados, aproveitando sempre o facto de ter com esta turma o cargo de Direção de Turma.

No Conselho de Turma Intercalar, ainda no primeiro período, em 31.10.2011 pelas 17 horas, e depois nos conselhos de turma seguintes, fiquei bastante surpreendida, pela negativa, por causa das opiniões expressas pelo restante corpo docente presente, excluindo a professora Alexandra Alves e a professora de Geografia. Os demais, fizeram notar que a turma era preguiçosa, revelava desinteresse, e demonstrava insubordinação, como pude testemunhar com o grande número de Participações Disciplinares obtidas pelos alunos ao longo do ano letivo. Aproveito ainda para referir que no Conselho de Turma que ocorreu no dia 23.03.2012, ficou deliberado que os alunos que obtivessem, nesse período, mais que três negativas, tinham que fazer parte de um Plano de Recuperação; acrescento desde já que foram denominados para esse Plano dezasseis alunos (!).

Os resultados finais foram fantásticos, pois só uma aluna não concretizou o ano.

III.3.2. Caracterização da Turma de Francês 12º 7

Este 12º ano, era composto por 10 alunos, com idades compreendidas entre os 17 e os 18 anos.. Era uma turma pequena uma vez que pertencia a um Curso Profissional, o de Técnico de Turismo; desta forma, a disciplina tinha a denominação de “ Communiquer en Français “.

Confesso aqui uma vez mais a minha experiência de lecionação, pois não foi esta a primeira vez que lecionei cursos profissionais, inclusivé de Turismo; senti que tinha algo a meu favor uma vez que possuo também o Curso de Técnica de Turismo do I.S.L.A. Sabia já que infelizmente, muitos alunos que frequentam estes cursos, não conseguem chegar ao fim, têm que completar módulos através de exames e testes e muitas vezes estão de tal modo desmotivados, pelas mais diversas razões – socioeconómicas, culturais, familiares, pessoais, entre outras, que se trata de facto, de uma luta contra o tempo.

Como sabemos, começam agora a existir os primeiros manuais para estas turmas de cursos profissionais; contudo, esta escola não selecionou para esta disciplina qualquer manual; deste modo e na ausência do mesmo, todo o material didático necessário foi por mim e pela minha colega de estágio elaborado.

Esta turma, embora pequena, tinha que ser a todo o momento estimulada de forma a provocar comunicação, interação e curiosidade. Talvez também por isso, a professora Alexandra Alves teve uma ideia genial. Aliando a psicologia com a gastronomia, resolveu organizar, evidentemente com o apoio do diretor e a disponibilidade dos professores desta turma, no sentido de estarem presentes, bem como familiares dos alunos, um jantar, com um menu totalmente francês, contando para tal com a colaboração dos alunos, na confeção do mesmo e na decoração do espaço. Obviamente que eu e a minha colega colaborámos toda a tarde, ora na cozinha ora na decoração do espaço, com imensa alegria e ansiando a hora do jantar para podermos constatar como o evento iria decorrer. Os alunos participaram de uma forma excelente, os professores da turma também, bem como os familiares, enfim, um sucesso.

Claro que tal empenho e trabalho eram desejáveis nas aulas mas não era fácil. De qualquer modo, gostaria de acrescentar que foi sempre uma turma simpática com a qual interagi de forma agradável e com a qual realizei alguns trabalhos bastante profícuos.

Importa referir que no Conselho de Turma que se realizou no dia 26.03.2012, sob a Direção de Turma da professora de Inglês, Lurdes Cruz, ficou em ata que, apesar da disponibilidade total demonstrada por parte do corpo docente desta turma, os alunos continuavam a demonstrar uma enorme falta de interesse e empenho em relação à aprendizagem para além da falta de assiduidade às aulas, que se continuava a manter.

Após as férias da Páscoa, os alunos foram para estágio, como é obrigatório, exceto uma aluna, por não ter completado vários módulos , devido ao seu absentismo.

III.3.3. Observação das Aulas de Francês da Professora Alexandra Alves

Assisti todas as semanas, a blocos de 90 minutos em cada uma das turmas atribuídas. As turmas de 9º ano têm unicamente 90 minutos por semana, o que implica dizer que têm aulas uma só vez por semana. Saliento, através da minha modesta opinião, que este modo que está instituído se revela francamente um impedimento ao que deveria ser, a aprendizagem de uma língua. Como é possível os alunos lembrarem-se de uma semana para a outra da matéria lecionada? Situações que devem ser revistas, ajustadas, ponderadas e analisadas se realmente se almeja a obtenção de um ensino / aprendizagem de qualidade.

Fui para estas aulas sempre com o objetivo de, tal como fiz com a variante de Português, observar o decorrer das mesmas, tomando notas constantemente, focando-me na forma como eram construídas e orientadas pela professora em todos os momentos, fundamentando-me para tal, numa grelha por mim construída para o efeito (cf. anexo 9).

Refiro também que assisti a todas as aulas lecionadas pela minha colega, Sylvie Narciso.

Passando concretamente às aulas da professora Alexandra Alves, e apesar de assistir a duas turmas com características completamente diferentes, esteve presente em todas as aulas uma especial disponibilidade para os alunos, os quais eram tratados afavelmente. Agradou-me em particular o facto de a professora muitas vezes os aguardar e esperar à entrada da sala de aula, cumprimentando-os e dando-lhes os bons dias.

Em cada aula a professora dava início a uma viagem, partindo de um texto ou de uma imagem, em que, com mestria, conduzia os alunos arrebatando a atenção da maioria que a acompanhava com interesse e curiosidade. A professora recorria quase sempre a uma pré-leitura de forma a analisarem minuciosamente o documento ao mesmo tempo que explorava também o léxico. Solicitava a interação, ora com ela ora entre uns e outros; é muito ativa na aula, tendo por hábito utilizar os poucos recursos de que dispõe, pois como já referi as salas são velhas e as mesas e cadeiras completamente desadequadas, dividindo o quadro em dois para desta forma dinamizar mais o ensino/ aprendizagem e assim, poderem trabalhar dois alunos ao mesmo tempo. Pretendo referir ainda que a professora explorava sempre uma vertente cultural referindo-se aos textos, às imagens ou até ao dia de calendário em que se encontravam, caso fosse oportuno.

Utilizando estratégias diversificadas, a professora Alexandra Alves conseguia criar na sala de aulas um clima agradável com momentos de alguma cumplicidade.

III.4. Lecionação das Aulas de Francês

III.4.1. A planificação como suporte de trabalho

A orientadora Alexandra Alves, disponibilizou um modelo de planificação já utilizado pela mesma. Foi solicitada uma planificação para cada aula lecionada.

A planificação é para o professor uma espécie de ferramenta que o acompanha e ajuda nas várias etapas de solidão por que passa para a preparação de cada aula.

Penso que planificar é decidir; é um reafirmar por onde se quer ir, qual o caminho que se deve tomar e é importante ter algum conhecimento da turma que vamos lecionar porque penso que devemos sempre fazer vários ajustes ou reformulações consoante a turma com quem vamos trabalhar. É importante não esquecer que o que funciona para uns ou com uns, pode não funcionar com outros.

Tal como Arends refere (1997, p. 67), a planificação tanto *pode aumentar a motivação do estudante, ajudá-lo a centrar-se na aprendizagem e diminuir os problemas de gestão na sala de aula*, mas por outro lado diz que *pode também apresentar aspectos negativos não previstos; pode por exemplo, limitar a iniciativa do estudante na aprendizagem e tornar os professores insensíveis às ideias dos seus alunos*.

Cada planificação tem que ser objetiva quanto aos materiais utilizados na sala de aula. As planificações de Francês eram elaboradas de modo diferente das de Português (cf. Anexo 10). Dentro dos conteúdos residiam as atividades intermédias e as *Tâches*, o léxico, a morfosintaxe, a competência socio-cultural e, também, quais os suportes utilizados e o tipo de avaliação.

Marcar objetivos conforme o(s) programa(s) que temos para desenvolver e trabalhar, exigindo do professor uma enorme capacidade de labor intelectual e porque não, também física (no ano de 2010/2011, lecionei nove turmas, cinco níveis, a título de exemplo), preparar os materiais necessários, construir exercícios e atividades várias que ajudem o bom funcionamento e correr de uma aula, ter noção do tempo necessário para cada atividade são alguns dos aspetos a ter em conta no processo de uma planificação; claro que, mesmo assim, por quaisquer motivos de completa imprevisibilidade, pode a aula não decorrer como o desejável (algo que contarei mais à frente, que me aconteceu numa aula com o 12º Profissional).

Para hoje em dia caracterizarmos uma aula de Língua Estrangeira, devemos pensar, entre outros aspetos, numa conceção de Língua, de Aprendizagem e de Mundo, pois todos estes fatores são complemento da mesma.

Como refere o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*, publicado em 2001, devemos no presente adotar uma perspetiva acional no ensino –

aprendizagem de uma Língua, uma vez que, o aprendente é um ator social que deve realizar tarefas, nas quais atualize plenamente a Língua que está a aprender, em determinados contextos específicos (público, profissional, educativo e pessoal). Estruturar uma aula de Língua Estrangeira pressupõe explorar a diversidade linguística, étnica, económica, ideológica e geracional; deste modo, o professor deve introduzir na sala de aulas atividades de receção, produção, mediação e interação, apoiadas em variados materiais adequados às necessidades de formação dos alunos.

Numa aula de Língua Estrangeira, a maioria dos alunos tem como objetivo principal comunicar e isso significa saber enviar e receber mensagens eficazmente, como sugere a perspetiva acional, em que o estudo da linguagem só é possível através da realização de atos.

III.4.2. As minhas aulas na Turma 9º5

No que concerne à turma do 9º ano, eram raparigas e rapazes mais jovens, o programa permitia abordagens mais diversificadas e a própria turma exigia um outro ritmo de trabalho; também por isso, houve da minha parte uma maior preocupação e investimento na utilização de audiovisuais. Visualisámos na aula parte de um filme, *Décalage Horaire*, enquanto interagíamos com umas fichas elaboradas para o efeito e, tentando também, captar-lhes o interesse para a totalidade da película. Esta turma, sempre muito participativa, exigia muito de quem estivesse a lecionar. Reparei que, mal o ritmo da aula abrandava um pouco, os alunos logo tinham tendência para a dispersão.

Os temas, inerentes ao programa, que tive oportunidade de abordar foram, a Cultura (literatura e cinema), tendo inclusivé levado alguns livros para a sala de aulas, para que os alunos em grupo pudessem manuseá-los, a Cultura Estética e Artística (pintura e escultura) e ainda Viajar no Passado (descobertas científicas e novas tecnologias) (cf. Anexo 11).

Pretende-se ao abordarmos estes temas que os alunos saibam elaborar e expressar uma opinião, justificar opções, exprimir gostos e preferências, referir

hábitos, acontecimentos no passado, assim como devem manifestar as suas vontades, sentimentos, desejos, necessidades, dúvidas, entre outros.

Relativamente ao meu tema, experimentei algumas dificuldades pois os alunos não estão de forma alguma habituados à escrita, tendo-me mesmo apercebido, através de alguns comentários deles que, *isso era o pior: a escrita*. Ora, mais uma vez, surgia aqui não um obstáculo mas sim um desafio: pô-los a escrever através de pequenos textos, completar espaços, retirar partes de frases para por eles poderem ser finalizadas, enfim... Também segui aqui algumas sugestões que a minha orientadora me ia fornecendo, havendo sempre o cuidado de fazer uma pré leitura das imagens e dos textos explorando-os ao máximo e no final das fichas, conforme poderão observar nos anexos, fazia, seguindo orientações da professora Alexandra Alves, um pequeno questionário de auto avaliação para os alunos preencherem de modo a poder tomar conhecimento das suas dificuldades.

Verifiquei que quaisquer quatro ou cinco linhas eram um enorme obstáculo que tinham que transpor e fiquei contente porque, de alguma forma, a maioria deles conseguiu. Devemos insistir sempre. Os alunos são a razão de existir dos professores e, só por isso, devemos tentar tudo com e por eles.

Foi uma turma com quem gostei de trabalhar, que se mostrou sempre recetiva ao que lhe era proposto, demonstrando imensa curiosidade pelos trabalhos e materiais utilizados, questionando sempre que alguma dúvida os assolava.

III. 4.3. As minhas aulas na Turma 12º7

No que diz respeito ao 12º ano do Curso de Técnico de Turismo, a disciplina tinha a denominação de *Communiquer en Français* e aqui, o meu objetivo foi, tal como com as outras turmas, fazer com que escrevessem textos, encaminhando-os para esse sentido. Mais uma vez senti que não era fácil; o vocabulário era muito reduzido e o interesse em novas aprendizagens não era dos mais entusiasmantes.

Neste curso as unidades são compostas por módulos sendo que a avaliação sumativa era feita no final de cada módulo. De qualquer forma, havia sempre um teste

de recuperação para os alunos que não tivessem obtido sucesso no teste sumativo; caso o insucesso no módulo se mantivesse, o aluno podia sempre inscrever-se na secretaria para efetuar o respetivo exame.

Estes alunos no terminus do segundo período partiram para estágio que foi acompanhado por professores da escola. Pretendia-se que estes alunos tivessem obtido como Competências Essenciais, e restrinjo-me aqui, para não me alongar, à parte que exploro no meu tema, a escrita, que conseguissem redigir mensagens breves e cartas adequadas à situação de comunicação – a carta formal, pedido e envio de informação, reservas e confirmação das mesmas, promoção de uma empresa, da sua imagem e produtos (hotel, agência de viagens entre outros), promoção de uma região, fidelização do cliente, formulários em papel e, também, simulação de situações do quotidiano.

Trabalhar com esta turma não foi uma tarefa fácil mas eu gosto de desafios. Não era uma turma que se esforçasse e demonstrava isso muito bem; eram muito desinteressados e desmotivados revelando muita falta de métodos de trabalho e, apesar de pequena, era facilmente dispersável. Percebi que tinha que impor ritmo, muita atividade e muita interação. Acabámos por produzir alguns documentos interessantes e senti que consegui aproximar-me deles e cativá-los.

Tentei sempre antecipar o significado dos documentos que lhes fornecia enquadrando-os num contexto sociocultural, relacionando ou envolvendo-os com as suas próprias experiências a partir de materiais trabalhados na sala de aula. Mostrei *Powerpoints* sobre *Le Château de Chenonceau*, à medida que ia explicando o que viam, enfim, como se de uma visita guiada se tratasse, para depois trabalharem na aula uma ficha elaborada para o efeito onde lhes era solicitada uma pequena produção escrita. Numa outra aula, e a partir de documentos e desdobráveis verídicos, mas por mim transformadas, preencheram e completaram o que lhes era pedido e pareceram-me bastante motivados e agradados com este tipo de exercícios (cf. Anexo 12).

A partir de um outro documento verídico, resolvi pô-los a trabalhar a pares e, tendo nas suas mãos o folheto turístico original, preparei para cada par um documento específico onde era pretendida a identificação e preenchimento desta ficha de trabalho partindo da brochura. Culminava então, numa produção escrita,

pequena, onde lhes era solicitado um texto de promoção turística. Apesar de lhes fornecer na ficha várias pistas e mesmo algumas expressões, os alunos revelaram muitas dificuldades.

Também com esta turma, e a partir de regiões francesas criteriosamente escolhidas, elaborei uma outra ficha de trabalho, a cores, para ser mais motivadora (cf. Anexo 13). Partindo de um texto sobre a região, tinham duas questões sobre o mesmo. Antecipei o significado de alguns pontos, previamente selecionados por mim nas imagens e no conteúdo textual. Solicitei-lhes a leitura em voz alta para depois poderem trabalhar com mais facilidade a ficha, mas aqui tive que alterar a estratégia uma vez que eles praticamente não sabiam ler e, não sabendo ler, o facto de não pronunciarem corretamente, em nada os ajudava na compreensão. Deste modo, li eu os textos, à medida que lhes ia colocando questões para perceber se estavam ou não a entender. No final, toda esta atividade culminou numa produção escrita, concebida a partir de um modelo elaborado por mim (cf. Anexo 14).

Ainda com esta turma, tirei fotocópias de postais evocativos de França utilizando desta forma documentos reais, e antes de distribuir os postais indiferenciadamente, dei-lhes um, escrito por mim para servir de protótipo; lemos o postal em conjunto e só então distribuí os que lhes eram destinados.

Pretendo aqui, realçar o facto de me parecer que a estratégia a tomar deveria ter sido outra, que passarei a explicar; quando me surgiu esta ideia, de os alunos fazerem uma produção escrita num postal, pensei inicialmente que poderia e deveria ser sobre uma região do conhecimento deles. Propus então à minha orientadora, a professora Alexandra Alves, levar-lhes uns postais da zona de Almada, que por sinal tem bastos locais de interesse e que muitas vezes, os próprios habitantes desconhecem. E tencionava utilizar postais das zonas circundantes para os utilizar estrategicamente e desta forma conseguir que os Alunos se sentissem mais próximos das suas realidades facilitando-lhes a descrição.

Realço que estes alunos poucas ambições tinham para o seu futuro, muitos deles vivendo com graves dificuldades pessoais e económicas. Apresentar-lhes postais de locais onde, muito provavelmente, nunca terão oportunidade de ir, pareceu-me denotar alguma insensibilidade e desonestidade de mim para com eles,

fazendo-me sentir algo “insegura”. Contudo, acabei por seguir as indicações da orientadora, com a justificação de que a cidade de Almada era já sobejamente conhecida por eles.

Mais uma vez , a produção escrita foi muito fraca, limitando-se a maioria deles a copiar o exemplo que eu lhes tinha destinado.

Aproveito ainda para explicitar algo que deixei em aberto no ponto III.4.1. página 32, que se refere ao uso das novas tecnologias. Quando as escolas estão preparadas para tal, ótimo, quando não estão, como é o caso desta, temos que levar isso em conta. Aconteceu que numa aula, tendo eu solicitado umas semanas antes, o computador, as colunas, a tela, enfim, todo o material tecnológico apropriado para passar uns *Powerpoint*, o que me foi colocado na sala de aulas pura e simplesmente, não funcionou. Solicitei outro mas não foi possível pois todos se encontravam ocupados. Ora. Aqui está a prova de que devemos contar com estes imprevistos. Desenvencilhei-me bem, graças à experiência que já possuo, pois de imediato distribui umas fichas e respetivas brochuras, que levava como recurso, tendo a aula decorrido normalmente. Prometi mostrar-lhes, na aula seguinte, algo que consegui graças à ajuda de uma funcionária, a D^a Maria José, que muito prestável se mostrou, requisitando de imediato o material.

Gostei muito de trabalhar com esta turma, da sua diversidade étnica e cultural, da simpatia demonstrada, embora o ritmo de trabalho fosse lento e pouco proveitoso por razões já antes expostas aquando da caracterização da turma no capítulo III, no ponto III.3.2.

Costumo solicitar a um organismo público, *Turismo de Portugal*, catálogos em Língua Francesa referentes a Portugal para distribuir pelos alunos e por vezes são utilizados nas aulas. Desta vez, levei na última aula para lhes oferecer, um que se referia a Portugal, na sua vertente cultural e um outro com um mapa do nosso país que assinalava locais onde se pratica Golf. Estes catálogos, bastante atraentes pelas suas cores e pelas paisagens podem, espero, de alguma forma motivá-los mais para o que os rodeia.

Capítulo IV: A Reunião Semanal com as Orientadoras

O Núcleo de Estágio de Português e Francês, composto por mim e pela minha colega Sylvie Narciso, reunia semanalmente, às terças feiras com a professora Maria Manuel Martins e às quartas feiras com a professora Alexandra Alves .

Nestas reuniões, tinha lugar um diálogo crítico onde havia também espaço para reflexões várias sobre o que havia sido observado ou efetuado, caminhos a seguir e propostas no sentido do encaminhamento. No primeiro encontro ficou decidido que, todas as semanas iríamos realizar uma síntese dos temas tratados, temas a preparar, planificações, sugestões, por exemplo bibliográficas e/ou outros assuntos que nos parecessem pertinentes bem como a postura do professor perante o comportamento dos alunos. Discutiam-se também as diversas metodologias utilizadas pelo professor na sala de aulas, quais os recursos mais adequados para lecionar em cada turma, nunca esquecendo o nível de ensino para o qual nos dirigíamos.

Saliento que nestes encontros, as professoras orientadoras sempre se mostraram muito recetivas às dúvidas e sugestões que nós íamos colocando sendo, na minha opinião, reuniões proveitosas para a concretização e evolução do meu trabalho.

IV.1. Reflexão sobre Metodologias a adotar para cada uma das Turmas

Um dos principais pontos de discussão e crítica, em Portugal, quanto ao ensino do Português (e pretendo também referir-me ao ensino do Francês) é sem dúvida o baixo nível que os alunos atingem na aptidão escrita, mesmo quando alcançam o patamar final da escolaridade obrigatória. Foi neste sentido que direcionei a minha PES sendo que em relação ao 12º ano de Português, o programa é extenso não facultando aos alunos, na sala de aulas, tempo para se treinar a escrita.

O rumo a que me propus seguir para as aulas supervisionadas de Português, teve sempre um fio condutor, passando pela escolha seletiva de materiais, a estrutura

da aula, a transmissão de informações, conhecimentos, leituras, experiências e observações pessoais, bem como a preocupação com o objetivo de motivar os alunos para estudos mais aprofundados, fazendo em todas as aulas um ponto da situação.

Para além destes aspetos, explorei com os alunos, em contexto de sala de aulas, textos do manual, obras, artigos de jornais e de revistas, muitas das vezes no formato original, que se prendiam com os assuntos/matéria que tratávamos e estudávamos. Para o desenvolvimento do meu relatório aliei, assim, esta estratégia didática a um objetivo final: obter dos alunos, que pouco escrevem, textos produzidos por eles.

Promovi a participação dos alunos, reforçando o encadeamento lógico e a progressão; apesar disso, eles dispersavam-se com alguma facilidade, sendo didática e metodologicamente ajustada a imposição de um ritmo de trabalho que fomentasse e acrescentasse interesse às matérias que iam sendo dadas.

Cabe ao professor ajudar a despertar nos seus alunos o desejo de escrever, devendo, quanto a mim, ser prática corrente e incrementada desde o início da escolaridade.

No que ao Francês respeita, as metodologias foram bastante diferentes uma vez que cada turma tem o seu ritmo, e houve que procurar preferências e outros modos de cativar os alunos pois tratava-se da aprendizagem de uma Língua Estrangeira que, como sabemos, nos últimos tempos tem perdido alguns estudantes.

Procurámos a todo o custo motivá-los, ora organizando a chamada “Semana das Línguas” ora indo com eles ao cinema “Festa do Cinema Francês”, deslocando-nos com uma das turmas ao Fórum Municipal Romeu Correia, em Almada, para visualizar o filme, *Les Contes de la Nuit*, que adoraram.

Capítulo V. Atividades efetuadas na Escola e para a Escola

V.1. Palestra sobre a Francofonia

No dia 14.03.2012 eu e a minha colega de estágio, afixámos no painel destinado ao grupo de Português/Francês, um cartaz publicitando uma atividade inserida no dia Internacional da Francofonia, o dia 20.03.2012. Esta seria elaborada e apresentada por nós, dirigindo-se a todos os professores que se quisessem deslocar com as respetivas turmas ao auditório da escola.

No dia 16.03.2012, pelas 13,40 horas, com a ajuda de uns *Powerpoints* que elaborámos para o efeito, apresentámos, em interação com os alunos e com os seus professores, um trabalho sobre a Francofonia. Consta de um jogo composto por nós e executado para o efeito, acompanhado por mapas coloridos com a localização de países francófonos e respetivas bandeiras, aliado a músicas atuais de língua francesa, que serviram para dar a conhecer a multiplicidade de ritmos que neles existem. Atravessando a multiculturalidade divulgou-se a língua francesa. Foi uma hora bem conseguida e, com surpresa tomámos conhecimento que certos alunos conheciam algumas das músicas através dos media.

Fomos bem recebidas, colocaram-nos algumas questões e alguns professores até nos disseram que para além de muito agradável, aprenderam, inclusivé, alguns factos por eles desconhecidos.

V.2. Palestra do Professor Doutor João Costa na Escola Secundária Fernão Mendes

Pinto

No dia 21.03.2012, eu e a minha colega de estágio, Sylvie Narciso, afixámos no painel do grupo de Português/Francês um convite a todos os professores da escola e extensível a outras, que contactámos via *e-mail*, para “Os desafios da implementação do novo programa de português”, palestra proferida pelo Professor Doutor João

Costa, da Universidade Nova de Lisboa, que desde o primeiro contacto mostrou a sua disponibilidade, evento este que se realizou no auditório no dia 17.04.2012 pelas 17.30 horas (cf. Anexo 15). Como todos sabemos, o Professor Doutor João Costa, é portador de um longo e invejável *curriculum*, é um orador excelente que interage com o público conseguindo cativar todos os presentes, logo no início das suas intervenções.

A palestra, que teve grande afluência e até foi assunto do jornal da escola, foi vivamente aplaudida, houve muitas questões colocadas pelos ouvintes, dúvidas bastante pertinentes e interessantes; em resumo, algo que deveria ter a duração de uma hora e pouco, prolongou-se por mais de duas horas, que passaram num ápice. Um bem haja ao professor.

V.3. Formações

Participei em diversas formações sempre com o intuito de absorver mais saber para à posteriori transferir aos alunos.

Na Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, integrei uma formação muito interessante, promovida pela Porto Editora, que me forneceu uma ferramenta de trabalho, cuja denominação era, *E-manual de Português: instrumento e recurso pedagógico* (cf. Anexo 16)

- Numa outra formação, promovida pela editora acima citada, que nem de propósito, abarcava o meu tema, denominando-se: *A produção escrita em língua francesa*.
- *Semear vírgulas – a sintaxe e o uso da vírgula*, também através da Porto Editora, com uma oradora excecional, Fernanda Costa, autora de vários manuais.
- *O tratamento do oral na iniciação do francês*, apresentação feita pela equipa que publicou o manual de Francês – 7º. Ano, Nível 1, com o nome, *Mots – Clés*, proporcionado também pela supracitada editora.

- *Cumprir o programa – Recursos de apoio à leitura*, dedicado ao 11º ano, com a equipa de autoras do manual Entre – Margens, Olga Magalhães e mais uma vez com Fernanda Costa e a Porto Editora.
- *Competências de oralidade – propostas de abordagem e de avaliação*, por um membro da equipa do manual Expressões, Português do 11º ano com apresentação por parte de Maria Céu Moreira.
- *A Gramática no Ensino Básico*, novamente com Fernanda Costa, que faz parte da equipa de autoras dos manuais Diálogos – Língua Portuguesa 5ºano / 7º ano, Porto Editora.
- *Conhecimento Explícito da Língua – Sintaxe*, com uma das autoras do manual (PARA)TEXTOS – Língua Portuguesa, 7º ano.

Todas estas formações, serviram como veículo de aperfeiçoamento, informação, reflexão, compreensão e apreensão no âmbito do trabalho a que me propus e que pretendo concluir, aprendendo sempre mais.

Capítulo VI. Análise sobre a Prática de Ensino Supervisionada (PES)

VI.1. Balanço final

Posso considerar o ano letivo de 2011/2012 como o mais marcante da minha carreira, tanto na vertente de docente como na de aluna.

Enquanto aluna, foi muito positivo e enriquecedor o que aprendi ao longo dos dois períodos em que assisti às aulas lecionadas pelas minhas orientadoras, sentindo que fazia quase parte da turma, passando as aulas a escrever todos os passos que iam ocorrendo, contrariamente aos outros alunos, pois esses pouco ou nada escreviam, nem notas tomavam.

Foi muito interessante observar que os alunos nos aceitaram, a mim e à minha colega de estágio logo de imediato, não estranhando sequer, quando passávamos para o outro papel, e assumíamos o comando da aula. Foi uma experiência deveras

gratificante. Vestíamos declaradamente dois papéis e eles sempre percecionaram esse pormenor pois sempre que uma de nós transportava o livro de ponto, eles percebiam de imediato quem ia lecionar naquele dia e, às vezes, até éramos interpeladas nesse sentido, quando percorríamos os corredores que nos levavam à sala de aulas.

Também senti que demonstravam um à vontade connosco, quando envergávamos a pele de alunas e lhes perguntávamos, por exemplo, que nota tinham obtido neste ou naquele teste, nesta ou noutra disciplina.

Balanço positivo, referente às duas orientadoras; o facto de possuírem posturas muito diferentes no ambiente de trabalho, em sala de aulas, na forma de lecionar, e como comunicavam e interagiam com os alunos, daí resultando a riqueza e o interesse em assistir às suas aulas.

Saliento a disponibilidade por elas demonstrada, a abertura às questões que coloquei e às dúvidas que surgiam. Muitas vezes, no final das aulas por mim lecionadas, perguntavam a minha opinião respeitante aos passos da aula, pontos altos e menos bons que eu tivesse percecionado e/ou, a alguma situação inesperada.

Por questões que se prenderam com os programas, como já referi, não pude experienciar tantas metodologias como pretendia. Acrescento ainda, que se fosse hoje o mais provável seria alterar algumas das práticas que utilizei, até porque penso que devemos continuar a investir na reflexão destes temas e na sua concretização.

CONCLUSÃO

Saber escrever é uma arte difícil.

É um processo que exige todo um treino que não se adquire de um dia para o outro. As competências necessárias para estes saberes aprendem-se pouco a pouco, no contexto escolar, havendo antes uma série de saberes implícitos.

Quando se ensina a escrever, a ler e/ou a contar, é necessário passar por várias etapas e proporcionar vários modelos para que o aluno perceba que existem características próprias para cada um dos diferentes tipos de texto. É importante ter noção do nível de léxico, da sintaxe e do formato que cada estrutura textual pede.

Deste modo, para um aluno poder fazer uma produção escrita, o professor tem que ensinar com precisão as regras técnicas necessárias à sua execução.

A Escola é uma parte integrante da sociedade sendo a sua função estruturante na preparação dos alunos para a cidadania e por consequência para a democracia. Assim, é seu papel proporcionar-lhes “ instrumentos de trabalho “ suscetíveis de criar condições para a sua formação e integração na vida ativa. No ensinamento do uso e manejo dessas ferramentas está o professor que deve encarar a sua função, para além de reguladora e formativa, e creio, mais importante ainda, apelativa.

O professor não pode nem deve ser um mero debitante de conhecimentos cujo papel se limite ao estreito corredor balizado entre o transmitir “ o que vem nos manuais “ e esperar que as suas explicações sejam suficientes para o entendimento da turma. O professor tem que ser alguém capaz de ouvir o mundo, implicando isso uma constante atualização acerca de tudo o que se passa na sociedade. O professor tem que ser capaz de incorporar a idade dos alunos para poder tomar o pulso dos seus problemas, medos, angústias, alegrias, euforias, ensejos, sei lá... para saber de uma maneira, quiçá, mais concreta que “ massa “ tem à sua frente e como melhor a pode “moldar “, para que a sua mensagem chegue aonde interessa, aos alunos.

O professor tem que ser alguém que contribua de uma maneira não “ incolor “ para a construção e fixação de saberes, usando todos os métodos e materiais didáticos disponíveis, buscando-os e/ou aproximando-os, sempre que necessário, da vida real.

A Escrita é ainda, e muitas vezes, vista como um dom e a sua prática um ato solitário, como se de algo mágico se tratasse. Mas se a solidão está inerente ao seu desempenho, porque se escreve só, já a sua aprendizagem deve ser uma atividade de pesquisa, de partilha, de grupo, recorrendo às mais variadas metodologias, tendo em vista o seu aperfeiçoamento.

Vejo assim, a mestria da vertente escrita da língua uma aptidão básica como construção e consolidação de saberes.

A Escrita é uma experiência contínua de vida.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, I. (1996). *Ser Professor Reflexivo*, In Alarcão, I. (coord.). *Formação Reflexiva dos Professores*. Porto: Porto Editora.

AMOR, Emília (2006). *Didáctica do Português. Fundamentos e Metodologias*, Lisboa: Texto Editora.

ARENS, Richard L. (2008). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.

AVELINO, Cristina e ARROYO, Francine (1994). *Leituras Preliminares, Abordagens paratextuais da obra integral*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.

BRONCKART, J-P (2005). *Os géneros de texto e os tipos de discursos como formatos das interações de desenvolvimento*. In F. Menendez (Org.), *Análise do discurso*. Lisboa: CLUNL & Hugin.

EVA, Le group (1996). *De L'Évaluation à la Réécriture*. Paris: Hachette.

FERRAZ, Maria José (2007). *Ensino da Língua Materna*. Lisboa: Editorial Caminho.

GUEDES, P. (2009). *Da Redação à Produção Textual – O ensino da escrita*. São Paulo: Parábola.

GRUCA, Isabelle e CUQ, Jean Pierre (2008). *Cours de Didactique du Français Langue Étrangère et Second*. Paris: Editions PUG.

MARTINS, Fernando Cabral (1997). *Mensagem, Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio & Alvim.

MIALARET, Gaston (1996). *As ciências da educação*. Lisboa: Livros e Leituras.

PACHECO, Luísa e COSTA, Suzana (2008). *Mots Croisés 3*. Porto: Porto Editora.

PEREIRA, Maria Luísa Álvares (2000). *Escrever em Português – Didáticas e Práticas*. Porto: Edições ASA.

PINTO, Manuel *et al.* (2000). *As pessoas que moram nos alunos: Ser jovem, hoje, na escola portuguesa*. Porto: Edições ASA.

PORTUGUÊS, Associação de Professores (2001). *O Ensino e a Aprendizagem do Português na Transição do Milénio (Relatório Preliminar)*. Lisboa.

RASTIER, F. (1989). *Sens et Textualité*. Paris: Hachette.

SALVADO, Fernanda e LOPES, Maria do Céu Vieira (2010). *Superchouette*. Lisboa: Plátano Editora.

SANTOS, Fátima e AZÓIA, Fátima (2008). *Interacções*. Lisboa: Texto Editores.

SAVATER, Fernando, CRATO, Nuno, CASTILLO, Ricardo Moreno e DAMÃO, Helena (2010). *O valor de educar, o valor de instruir*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

SERAFINI, Maria Teresa (1991). *Como se faz um trabalho escolar. Da escolha do tema à composição do texto*. Lisboa: Editorial Presença.

VIEIRA, Maria do Carmo (2010). *O Ensino do Português*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos: Relógio D'Água Editores.

VOLTZ, Nicole, ROCHE, Anne e GUIGUET, Andrée (1995). *L'Atelier D'écriture. Éléments pour la rédaction du texte littéraire*. Paris: DUNOD.

ANEXO 1



Grelha de observação de aula

Data da observação	Aula a observar
___/___/___	Ano/Turma: ___/___

1. Abertura da aula (o professor)	Sim	Não	Às vezes
Cumprimenta os alunos			
Pede aos alunos uma síntese da aula anterior			
Corrige os trabalhos de casa			
Aborda temas actuais			

2. Desenvolvimento da aula (realização das atividades letivas)	Sim	Não	Às vezes
Apresenta o saber de forma a suscitar o pensamento crítico dos alunos			
Explica, claramente, as aprendizagens e as tarefas a realizar nas aulas			
Estabelece a articulação das aprendizagens a realizar com conhecimentos já adquiridos			
Orienta o trabalho dos alunos com base em instruções precisas, visando o seu envolvimento na realização das tarefas			
Utiliza as intervenções dos alunos na construção do conhecimento			
Usa estratégias facilitadoras para a aprendizagem dos alunos (por exemplo, o erro)			
Mantém os alunos ativamente envolvidos nas tarefas propostas			
Responsabiliza os alunos, propondo-lhes tarefas extra letivas com o fim de melhorar a sua aprendizagem			
Utiliza recursos diversificados e adequados aos objetivos e aos conteúdos			
Desenvolve a aula com uma sequência lógica			
Gere o tempo de forma eficaz			

3. Relação pedagógica com os alunos	Sim	Não	Às vezes
Mantém um ambiente de respeito mútuo que favorece a aprendizagem			
Promove o trabalho colaborativo e a ajuda entre os alunos			
Estimula e/ou reforça positivamente as intervenções dos alunos			
Mostra-se disponível para atender e apoiar os alunos no decurso da aula			
Gere de forma eficaz a dinâmica da turma			
Revela uma atitude segura e adequada perante uma situação inesperada			

4. Avaliação	Sim	Não	Às vezes
Procede à avaliação diagnóstica para corrigir dificuldades de aprendizagem			
Comunica e analisa com os alunos os resultados			
Adequa os instrumentos de avaliação ao grau de desenvolvimento das capacidades e às necessidades de cada aluno			
Alerta-os, constantemente, para o exame nacional, no final do ano letivo			
Propicia que os seus alunos identifiquem os seus progressos e dificuldades			

5. Fecho da aula	Sim	Não	Às vezes
Recapitula o que foi tratado durante a aula			
Envia trabalhos de casa			
Relembra a importância de um estudo contínuo e eficaz			
Despede-se dos alunos			

Lina Bizarro

1.11.2011

ANEXO 2

Planificação da aula (10/01/2012)

Lições nºs 67 e 68

- **Sumário:** Correção do T.P.C e esclarecimento de dúvidas. Leitura e interpretação de um excerto de uma entrevista a Eduardo Lourenço. Interpretação de “Pensamentos” do mesmo, subordinados ao tema “Ser Português”. 90 min

OBJETIVOS	COMPETÊNCIAS	CONTEÚDOS/ATIVIDADES	RECURSOS	TEMPO	AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> - Esclarecer as dúvidas relativas ao T.P.C e ao trabalho iniciado na aula anterior. - Consolidar os conteúdos estudados na aula anterior. - Desenvolver as competências linguísticas e de leitura. - Desenvolver a cultura geral. - Dar a conhecer quem é o Homem que este ano recebeu o “Prémio Pessoa” /contemporâneo. - Desenvolver o espírito crítico e analítico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Oralidade - Leitura - Funcionamento da língua - Expressão escrita 	<ul style="list-style-type: none"> - Sumário, chamada e utilização da grelha para anotação de quem fez ou não os T.P.C. - Apresentação oral dos trabalhos realizados pelos alunos (feito a pares) em sala de aula. - Recursos estilísticos: a metáfora - Apresentação oral dos T.P.C. Distribuição da correção por escrito por parte da professora. - Sintetização dos conteúdos anteriores elaborada pela professora, referentes à obra “Mensagem”, mais concretamente, à primeira parte “Brasão”. - Registo no quadro efetuado pela professora. - Eduardo Lourenço – “O Homem que ensina Portugal a pensar”. - Prémio Pessoa 	<ul style="list-style-type: none"> - Manual - Quadro - Giz 	<ul style="list-style-type: none"> -20 mn -40 mn 	<ul style="list-style-type: none"> - Formativa: 1. Observação direta.

		<p>-Breve identificação do Homem.</p> <p>- Informações dadas pela professora, mostrando documentos reais:</p> <p>-Suplemento do Jornal “Público” de 6. janeiro. 2012, onde vem uma entrevista com Eduardo Lourenço.</p> <p>- Revista “Ler” (setembro 2008), com entrevista a Eduardo Lourenço.</p> <p>- “Newsletter” da Fundação Calouste Gulbenkian (nº129 – janeiro. 2012): a professora identificou as páginas 9 e 10, onde há referência ao autor acima mencionado, com o título: “O maior pensador português do nosso tempo”.</p> <p>-Diálogo professora/alunos.</p> <p>- Distribuição de uma ficha de trabalho</p> <p>- Leitura de um excerto de uma entrevista a Eduardo Lourenço, elaborada por Carlos Vaz Marques, na revista “Ler”.</p> <p>- Pensamentos de Eduardo Lourenço, leitura dos mesmos efetuada pelos alunos.</p> <p>- Diálogo professora/alunos.</p> <p>- T.P.C: os alunos vão levar como trabalho de casa, o seguinte: um texto de reflexão sobre o tema “Ser português”, com um máximo de 200 a 250 palavras, para o próximo dia 17.01.2012.</p>	- Ficha de leitura / trabalho	-10 mn	
				-20 mn	

ANEXO 3



Não sei quantas almas tenho

Não sei quantas almas tenho.
Cada momento mudei.
Continuamente me estranho.
Nunca me vi nem acabei.
De tanto ser, só tenho alma.
Quem tem alma não tem calma.
Quem vê é só o que vê,
Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,
Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo
É do que nasce e não meu.
Sou minha própria paisagem;
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só,
Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo
Como páginas, meu ser.
O que segue não prevendo,
O que passou a esquecer.
Noto à margem do que li
O que julguei que senti.
Releio e digo : "Fui eu ?"
Deus sabe, porque o escreveu.

Fernando Pessoa

24.8.1930



ANEXO 4



Questionário

“Não sei quantas almas tenho”

Após uma leitura atenta do poema, responda às questões de forma clara e precisa:

1. O poeta confessa a sua fragmentação em múltiplos “eus”. De que modo?
Justifique com expressões retiradas do poema.
2. A auto-análise é uma constante em Fernando Pessoa. Justifique.
3. No poema predomina um recurso estilístico recorrente na poesia Pessoaana; identifique-o através de excertos textuais.
4. Refira o tema do poema, justificando.

Bom trabalho!

Lina Bizarro 21.10.2011

ANEXO 5

Planificação da sequência 2.2

Planificação da aula (04/01/2012)

Lição nº 63

- **Sumário:** “Mensagem” de F. Pessoa. Contextualização e início do estudo da obra.

45 min

OBJETIVOS	COMPETÊNCIAS	CONTEÚDOS/ATIVIDADES	RECURSOS	TEMPO	AVALIAÇÃO
<p>-Conhecer e contextualizar a “Mensagem”.</p> <p>-Selecionar e organizar informação relevante.</p>	<p>- Oralidade</p>	<p>-Sumário e chamada.</p> <p>- A “Mensagem” de F. Pessoa:</p> <p>-Introdução da obra elaborada pela professora.</p> <p>-Exposição oral efetuada pela professora, no sentido de dar a conhecer aos alunos como e em que contexto nasceu a obra, época em que está inserida, aspetos sociais e culturais e prémio recebido.</p> <p>-Sintetização efetuada pelos alunos, reforçada pela professora.</p>	<p>-Quadro</p> <p>-Giz</p>	<p>-15 mn</p> <p>-15 mn</p> <p>-5 mn</p>	<p>- Formativa:</p> <p>1. Observação direta.</p>

-Desenvolver as competências linguísticas e de leitura.	-Funcionamento da Língua - Leitura	<p>- “Dez minutos com Fernando Pessoa”:</p> <p>-Leitura em voz alta pelos alunos, da fotocópia da pág.5 do Jornal “Diário de Lisboa” de 14.12.1934, suplemento literário, no sentido, de os alunos poderem estar em contacto com um documento verídico, autêntico e histórico.</p> <p>-Interação com os alunos, no sentido de identificar o vocabulário.</p>	-Ficha de leitura/trabalho	-10 mn	
---	---	---	----------------------------	--------	--

Lina Bizarro

2.01.2012

Dez minutos com Do livro "MENSAGEM" de FERNANDO PESSOA

transcrevem-se 3 poemas com 3 ilustrações inéditas de **ALMADA**



Fernando Pessoa

A calva socrática, os olhos de corvo de Edgar Poe, e um bigode ríspido, chinêsco — eis as traças tão fortes como precisos a máscara de Fernando Pessoa. Encontramo-lo friorento e encharcado desta chuva crua de dezembro a uma mesa do Martinho da Armada, última estampa romântica dos cafés do século XX. É ali que vivem agora os derradeiros abencerragens do Oriente. A Mza não se partiu. Eoa ainda, mas menos barulha, trazida da velha Grécia, no peito duma serena, até à foz romana do Tejo, Fernando Pessoa tem três almas, baptizadas na pia lustral da estética nova: Álvaro de Campos, o dos odes, convulsivo de dinamismo; Ricardo Reis, o clássico, que trabalha maravilhosamente a prosa, descobrindo na cinza dos tambores, tesouros de imagens; e Alberto Caeiro, o super-clássico, magestoso como um príncipe. Mas desta vez fala Fernando, Pessoa, em «pessoa». O título da sua obra recente, «Mensagem», está entre nós, como um hifen de amizade literária. Porque o título? O poeta, debruçado na cadeira de Jacob, lentamente, coberto de neblinas e de signos misteriosos. A sua inteligência geometrizava palavras, que vai rectificando empoe. A sua confiança, é quasi socrática, trágica de inspiração íntima:

«Mensagem» é um livro nacionalista, e, portanto, na tradição cristã representada primeiro pela busca do Santo Graal, e depois pela esperança do Encuberto.

É difícil de entender, mas os poetas falam como as cavernas com boca de mistério. De resto os versos são oiro de língua, fortes como tempestades.

— É um livro novo?

— Escrito em mim há muito tempo. Há poemas que são de 1914, quasi do tempo do «Orfeu».

— Mas estes são agora mais clássicos, digamos. Versos de almas tranquilas...

— Talvez? E que eu tenho várias maneiras de escrever — nunca uma.

— E como estabelece o contacto com o deserto branco do papel?

— Pessoa, numa nuvem do opio: Por impulso, por intuição, que depois altero. O autor dá lugar ao crítico, mas este sabe o que aquele quis fazer...

— A sua «Mensagem»...

— Projectar no momento presente uma coisa que vem através de Portugal, desde os romances de cavalaria. Quis marcar o destino imperial de Portugal, esse império que perpassou através de D. Sebastião, e que continua, «ha-de sêr».

— Fernando, Pessoa, reconhece-se. Disse tudo. Sobre a escada de Jacob, e desaparece à nossa vista, num céu constelado de enigmas e de belas imagens. Ferreira Gomes que está ao nosso lado olha-nos com mistério. Que é do poeta?

A. P.

(Fotografia de Ferreira Gomes)

1. O INFANTE

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quiz que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de tiba em conuente.
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou creou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu signal.
Cumpru-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

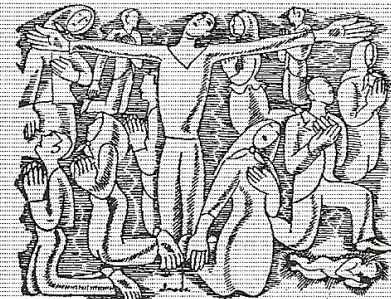


2. O MOSTRENGO

O mostrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar,
A roda da nau voou trez vezes,
Voou trez vezes a chiar,
E disse: «Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tectos negros do fim do mundo?»
E o homem do leme disse, tremendo,
«El-Rei D. João Segundo!»

«De quem são as velas onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?»
Disse o mostrengo, e rodou trez vezes,
Trez vezes rodou immundo e grosso,
«Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?»
E o homem do leme tremeu, e disse,
«El-Rei D. João Segundo!»

Trez vezes do leme as mãos ergueu,
Trez vezes ao leme as repreendeu,
E disse no fim de lemer trez vezes,
«Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu;
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!»



3. PRECE

Senhor, a noite veto e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silencio hostil,
O mar universal e a saúde.

Mas a chamma, que a vida em nós criou,
Se ainda ha vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a occultou:
A mão do vento pode ergue-la ainda.

Dá o sopro, a aragem — ou desgraça ou ancia —,
Com que a chamma do exorço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distança —
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

ANEXO 6



Ficha de trabalho

12º3

“Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém da humanidade” Fernando Pessoa (págs. Íntimas e de auto-interpretação).

Após teres efetuado a leitura do poema “Terceiro”, manual pág.184, responde sucinta e corretamente às seguintes questões:

1. Caracteriza o sujeito poético, no momento em que escreve o seu “livro à beira-mágoa”.
2. Refere em que medida existe a convicção do regresso do Encoberto.
3. Indica os sonhos que o sujeito poético pretende alcançar.
4. Esclarece a interrogação “Quando é a Hora?”, tendo em conta a relação entre o presente e o futuro.

BOM TRABALHO!

Lina Bizarro

20.01.2012

ESCOLA SECUNDÁRIA FERNÃO MENDES PINTO – ANO LETIVO: 2011/2012

Tipologia: Quatro itens de construção de resposta restrita ou extensa. (100 pontos)

Ficha de Trabalho com 4 questões – cada 25%

Os itens deste grupo visam avaliar a **competência de leitura** de um texto literário e a **competência de expressão escrita**.

Aspetos de conteúdo – 60 pontos

Níveis	Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina	Pontuação
3	1ª questão: Caracteriza e identifica o sujeito poético no momento específico que lhe é solicitado, citando elementos do texto.	15
	2ª questão: Refere e enumera, explicitando o que lhe é solicitado, utilizando elementos retirados do texto.	15
	3ª questão: Indica adequadamente o que o sujeito poético pretende alcançar, fundamentando a resposta em referências textuais pertinentes.	15
	4ª questão: Esclarece adequadamente a interrogação que lhe é solicitada, fundamentando a resposta em referências textuais pertinentes, estabelecendo apropriadamente, a relação entre o passado e o futuro, tal como lhe são pedidos.	15/ 100%
2	1ª questão: Caracteriza adequadamente o que lhe é solicitado.	12,50
	2ª questão: Refere o que lhe é solicitado de uma forma adequada.	12,50
	3ª questão: Indica o que o sujeito poético pretende alcançar, sem fundamentar a resposta.	12,50
	4ª questão: Esclarece a interrogação que lhe é proposta, não fundamentando a resposta.	12,50/ 50%
1	1ª questão: Caracteriza com pequenas imprecisões o sujeito poético, não o situando.	10

	2ª questão: Refere o que lhe é pedido, sem fundamentar a resposta.	10
	3ª questão: Indica de forma imprecisa os sonhos que o sujeito poético pretende alcançar, o que deve fazer para ultrapassar a situação em que se encontra, não situando o poema.	10/ 40%

Estruturação do discurso – 20 pontos

Correção linguística – 20 pontos

Lina Bizarro

10.02.2012

ESCOLA SECUNDÁRIA FERNÃO MENDES PINTO – ANO LETIVO: 2011/2012

Tipologia: Quatro itens de construção de resposta restrita ou extensa. (100 pontos)

Ficha de trabalho com 4 questões – cada 25%

Os itens deste grupo visam avaliar a **competência de leitura** de um texto literário e a **competência de expressão escrita**.

Aspetos de conteúdo – 60 pontos

Níveis	Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina	Pontuação
3	Caracteriza e identifica no momento específico o que lhe é solicitado, fundamentando a sua resposta em referências textuais pertinentes.	60
2	Caracteriza adequadamente o que lhe é solicitado.	50
1	Caracteriza com pequenas imprecisões o que lhe é pedido, obtendo uma resposta incompleta e imprecisa.	40

Estruturação do discurso – 20 pontos

Correção linguística – 20 pontos

Lina Bizarro

10.02.2012

ANEXO 7



Bom
CB

Ficha de trabalho

1293

"Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém da humanidade" Fernando Pessoa (págs. Íntimas e de auto-interpretação).

Após teres efetuado a leitura do poema "Terceiro", manual pág.184, responde sucinta e corretamente às seguintes questões:

1. Caracteriza o sujeito poético, no momento em que escreve o seu "livro à beira-mágoa". O sujeito poético encontra-se entristecido devido ao modo como estava a sua pátria no dado momento, assim como também tem dúvidas e esteria angustiado, quanto ~~à~~ ^{da} chegada da salvação.
2. Refere em que medida existe a convicção do regresso do Encoberto.
O regresso do Encoberto não é algo certo, mas mesmo assim não deixa de ser um regresso muito esperado. Uma ^{ansia} ~~convicção~~ daquela que ^{impulsiona} ~~traz~~ a salvação, no qual ^{estão} ~~depois~~ depositadas as esperanças, embora a hora de chegada não seja certa.
3. Indica os sonhos que o sujeito poético pretende alcançar. ^{seja certa}
O sujeito poético pretende alcançar a salvação, voltar às épocas portuguesas em que a sua pátria era gloriosa, podendo desse modo deixar de ser algo insignificante e passar a ser alguém, ter uma possibilidade. Tal como esta referência "Sonho das eras portuguesas, to Rear-me mais que o novo incerto", ~~é~~ ^é este referido.
4. Esclarece a interrogação "Quando é a Hora?", tendo em conta a relação entre o presente e o futuro.

Existe um enorme desejo relativamente ^a ~~da~~ vinda do Salvador, do Messias do rei português, que virá salvar Portugal e restaurar a pátria do mesmo. No entanto esta vinda é algo que se prolonga desde há muito, e a esperança depositada, tem vindo a ~~de~~ ^{se} demorar-se. A hora é incerta, e, quanto mais tempo passa maior é a angústia e dúvida sobre a chegada do mesmo.

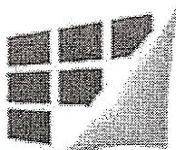
BOM TRABALHO!

Lina Bizarro

20.01.12

~~Com a expressão~~ "Quando é a hora?", o sujeito poético interroga-se e questiona-se de quando ~~quando~~ tal salvação chegará, quando ~~serão~~ as suas ^{partes} ~~partes~~ ouvidas, ~~e~~ ^{tomando} a esperança, ~~em~~ ^{em} amor, deixando a saudade.

*¹ O sujeito poético ^{pretende} ~~pretende~~ alcançar as eras de ouro português, eras que ^{virão} ~~virão~~ com a desejada chegada do salvador.



M. B. Bom (problemas)
(B)

“Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém da humanidade” Fernando Pessoa (págs. Íntimas e de auto-interpretação).

Após teres efetuado a leitura do poema “Terceiro”, manual pág.184, responde sucinta e corretamente às seguintes questões:

1. Caracteriza o sujeito poético, no momento em que escreve o seu “livro à beira-mágoa”. No momento em que escreve o seu “livro à beira-mágoa”, o sujeito poético encontra-se numa profunda mágoa e tristeza. Está nostálgico e sente não ter razões para viver e sente-se vazio, pois a verdadeira razão de ele continuar a viver, é a espera de um salvador, o seu.
2. Refere em que medida existe a convicção do regresso do Encoberto. salvador.
Existe a convicção do regresso do Encoberto, pois este, outrora, no passado, desapareceu ^{no meio do universo} sem explicação, e deixou sempre uma incerteza constante, se ainda permaneceria vivo, ou se já teria morrido. Assim, foi sempre mantida a esperança de que um dia ele voltaria no seu cavalo, numa manhã de nevaeiro, e que viesse como um salvador que traria o bom.
3. Indica os sonhos que o sujeito poético pretende alcançar.
O sonho do sujeito poético, é a vinda de um salvador, que lhe traga razões para viver; que o faça sentir realizado e não vazio. Alguém que transforme todos os seus maus sentimentos em bons, e todas as suas más sensações em boas sensações. Que lhe traga esperança e leve a “saudade embora” e acabe com a angústia mantida durante muito tempo.
4. Esclarece a interrogação “Quando é a Hora?”, tendo em conta a relação entre o presente e o futuro.

Tendo em ^{conta} a relação entre o presente e o futuro, a interrogação “Quando é a Hora?” remete para um presente cheio de angústia e saudade, e carregado de incertezas de um possível regresso do Encoberto; e para um futuro incerto e inconstante, sem certeza alguma se algum salvador chegaria e ^{poderia acabar} acabasse com o sofrimento e a saudade mantidos desde o passado ao ~~presente~~ Presente. Assim, depois de um presente e um futuro, que se pensa ter a mesma nostalgia de vida, o sujeito poético questiona-se retoricamente: virá o seu Senhor finalmente?

BOM TRABALHO!

Lina Bizarro
20.01.12

ANEXO 8

Planificação da aula (20/01/2012)

Lições nºs 75 e 76

- **Sumário:** O Mito Sebastianista: conclusão. Visualização de um excerto do filme de João Botelho “Quem és tu?”. Realização de uma ficha de trabalho.
90 min

OBJETIVOS	COMPETÊNCIAS	CONTEÚDOS/ATIVIDADES	RECURSOS	TEMPO	AVALIAÇÃO
<p>-Identificar e reconhecer nos poemas a essência do Mito sebastianista.</p> <p>-Desenvolver as competências linguísticas e de leitura.</p> <p>-Saber identificar as simbologias presentes na obra.</p>	<p>- Oralidade</p> <p>-Funcionamento da Língua</p> <p>- Leitura</p> <p>-Expressão escrita</p>	<p>-Sumário e chamada.</p> <p>-Mito Sebastianista:</p> <p>- Releitura do poema da pág.177 do manual</p> <p>-O Mito Messiânico (explicação efetuada pela professora).</p> <p>-“Quem és tu?”:</p> <p>-Visualização da primeira parte do filme realizado por João Botelho.</p> <p>-Diálogo Prof./alunos no âmbito da apreciação do filme pelos mesmos, no sentido de reforçar o Mito Sebastianista.</p> <p>-Seleção dos poemas a estudar: segunda parte, “Mar Português” – “Prece” (pág.181), terceira parte, “O Encoberto” – “As Ilhas Afortunadas” (pág.183).</p> <p>-Percorrer os poemas do manual, selecionados, com o intuito de identificar os diversos indícios</p>	<p>-Manual</p> <p>-Computador</p> <p>-Projector</p> <p>-Quadro</p> <p>-Giz</p>	<p>-15mn</p> <p>- 5mn</p> <p>-20mn</p>	<p>- Formativa:</p> <p>1. Observação direta.</p> <p>-Leitura funcional, analítica e crítica.</p>

		<p>sebastianistas constantes na obra “Mensagem”, para posterior correção oral.</p> <p>-Leitura silenciosa efetuada pelos alunos, dos poemas anteriormente referidos, com o objetivo de identificar as referências Sebastianistas.</p> <p>-Correção oral efetuada pela professora.</p> <p>-“Terceiro”, inserido n’Os Avisos (pág.184).</p> <p>-Leitura expressiva do mesmo efetuada pelos alunos.</p> <p>-Realização de uma ficha de trabalho, para T.P.C, com o objetivo de identificar marcas do Mito Sebastianista, no poema acima indicado, para avaliação.</p> <p>-Sintetização final realizada pela professora com recurso ao quadro.</p>	<p>-10mn</p> <p>-10mn</p> <p>-30mn</p>		
--	--	---	--	--	--

Lina Bizarro

19.01.12

ANEXO 9

Leçons 24 et 25 – 15 novembre 2011

Observation de la classe :

1. Lorsque le cours commence le professeur :	Oui	Non
1.1 Dit bonjour	X	
1.2 Rappelle ce qui a été fait le cours précédent	X	
2. Pendant le cours		
2.1 La présentation des différentes activités (exercices etc.) les moments de conceptualisation et la pratique sont bien articulés entre eux	X	
2.2 Les exercices de langue sont contextualisés (identités des interlocuteurs, espace, finalité, etc.)	X	
2.3 Les explications favorisent le raisonnement déductif	X	
2.4 Les explications favorisent le raisonnement inductif	X	
2.5 Les stratégies cognitives ou compensatoires destinées à améliorer les résultats élèves sont explicitées	X	
2.6 Les objectifs des activités sont présentés avant la réalisation de celles-ci	X	
2.7 L'ordre des activités suit leur degré de difficulté (des activités facilitatrices aux activités communicatives)	X	
2.8 Les contenus qui ont été étudiés sont intégrés au fur et à mesure dans le cours	X	

Lina Bizarro

ANEXO 10



Les premiers « Martionautes » avant 2030

Marcher sur le sol martien¹, ce serait fascinant mais encore faut-il y arriver ! Mars, la planète rouge se trouve à 56 millions de kilomètres de la Terre. Pourtant, beaucoup de scientifiques croient que cela pourrait arriver avant 2030 !

Les astronautes s'embarqueraient donc pour un voyage aller-retour² qui durerait 12 mois et séjourneraient 18 mois sur la planète.

Les futurs « Martionautes » poseront leur module d'habitation au milieu d'un paysage grandiose, sauvage et fortement coloré. La journée sur Mars leur sera familière car elle dure seulement 37 minutes de plus que sur Terre. Les très basses températures et la faible pression atmosphérique ne seront pas perceptibles aux astronautes car ils seront équipés de combinaisons spatiales.

Dans ce monde inhospitalier, leur habitation aura une place très importante. Elle sera à la fois lieu de travail et de convivialité, un point de liaison avec la Terre. Mais le contact avec celle-ci ne sera pas instantané, il faudra compter un délai de transmission de 3 à 22 minutes.

Vivre sur Mars sera avant tout produire. Les astronautes auront des journées bien remplies : sept heures consacrées aux activités productives, trois pour les activités collectives et deux heures pour leurs occupations personnelles.

Espace Magazine, texte adapté

Après la lecture du texte, dis si les phrases sont vraies (V) ou fausses (F) :

1. Des hommes pourraient marcher sur Mars en 2030. ____
2. Le voyage aller-retour durerait 12 mois. ____
3. Les astronautes y resteraient 12 mois. ____
4. La planète a un climat très chaud. ____
5. La journée martienne est plus courte que sur Terre. ____
6. Les astronautes vivront séparés les uns des autres. ____
7. Les transmissions avec la Terre seront ³instantanées. ____
8. Leur emploi du temps sera bien rempli. ____

Vocabulaire :

Réponds aux questions par des phrases complètes :

1. Pourquoi la journée martienne sera-t-elle familière aux astronautes ?

¹ o solo marciano

² ida e volta

2. La faible pression atmosphérique constitue-t-elle un problème ?

3. D'après le texte, pourquoi l'univers de Mars est-il inhospitalier ?

4. Pourquoi l'habitation est-elle si importante ?

-Trouve les mots contraires (antonymes) dans le texte :

I. L'aller _____

II. Hautes (températures) _____

III. Forte (pression) _____

IV. Hospitalier _____

V. Vides (journées) _____

VI. Le passé _____

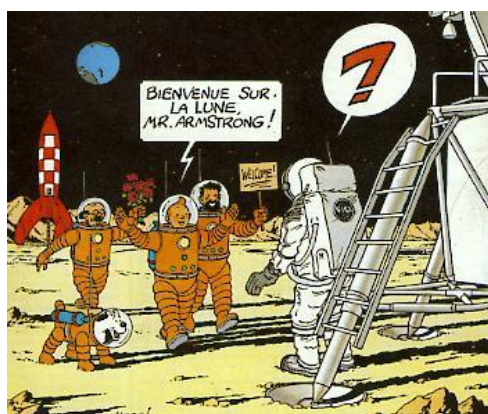
- Relie les phrases par une expression d'opposition attention à l'ordre des phrases:

a) Mars se trouve à des millions de kilomètres de la Terre. L'Homme pense y aller avant 2030.

b) La planète est inhospitalière. Elle est très belle.

c) Les astronautes auront une habitation. Elle ne sera pas confortable.

d) On contactera avec les astronautes. Le contact ne sera pas instantané.



Lina Bizarro 25.01.2012

Contenus							
Activités et tâches Intermédiaires	Compétences/ Opérationnalisation	Discursifs/ Fonctionnels	Morpho- Syntaxiques	Lexicaux	Socio- Culturels	Supports	Evaluation
-Rappel du cours précédent. - Questionnaire oral sur la science et des technologies. -« Brainstorming » à partir de « Martionautes ». -Lecture du texte -Réalisation de la fiche de travail. -Correction de la fiche -Production d'un texte à partir d'une sélection d'idées et d'une consigne donnée.	Interaction -Identifier le sujet du cours. -Identifier quelques mots qui concernent la science et les innovations pour anticiper des sens. - Compréhension orale et écrite -Identifier les informations du texte. -Sélectionner des indices. -Identifier l'opposition dans des phrases. -Appliquer les mots – mais/pourtant dans des phrases. Interaction -Prof/élèves mettent en commun les réponses. -Production écrite -Produire un texte en employant la cause.	-Caractériser quelque chose (une planète, la forme, la taille, la couleur ...). -Exprimer l'opposition -Donner son avis -Justifier un choix.	-L'expression de l'opposition (mais / pourtant). -La cause	-Vocabulaire lié et son exploitation. -Les inventions. -Vocabulaire lié aux inventions et découvertes françaises.	-La planète Rouge. -BD : Tintin « On a marché sur la Lune”	-Tableau et craie -Fiche de travail -Fiche de travail	Observation directe. Participation aux activités.

ANEXO 11



PRODUCTION ÉCRITE

1) La science et les nouvelles technologies

Qu'attends-tu de la science et des innovations technologiques pour le XXI^{ème} siècle? Fais ta sélection.

- ___ Éliminer certaines grandes maladies.
- ___ Guérir le cancer.
- ___ Supprimer la souffrance.
- ___ Communiquer avec le monde entier.
- ___ Expliquer le fonctionnement du cerveau.
- ___ Produire une énergie inépuisable.
- ___ Voler.
- ___ Faciliter les travaux pénibles grâce aux machines.
- ___ Lire dans notre patrimoine génétique.
- ___ Découvrir l'origine de l'homme.
- ___ Marcher sur la lune.
- ___ Rester toujours jeune.
- ___ Se téléporter instantanément dans l'espace.
- ___ Voyager dans le temps.
- ___ Rencontrer des extraterrestres.
- ___ Coloniser Mars.

2) Après avoir sélectionné une ou deux innovations pour ce siècle, écris un texte, d'environ 5 lignes, où tu vas justifier les raisons de ton choix. Il faut employer des expressions de la cause.

Pour justifier:

Parce que...

Car...

Comme...

Puisque...

Fiche de grammaire:

Expression de l'opposition (mais / pourtant)

Il pleut **mais** il fait chaud.

Il pleut, **pourtant** il fait chaud.

Braille était aveugle, **pourtant** il lisait.

Les Lumières ont inventé le cinématographe **mais** ils n'ont jamais réalisé un long métrage.

Relie les débuts des phrases à leur fin en utilisant les expressions d'opposition (**mais / pourtant**):

- | | |
|--|-----------------------------|
| 1- Cet enfant est très maigre, _____ | a) son frère est réservé. |
| 2- Il fait froid _____ | b) il mange bien. |
| 3- Le grand-père ne sort presque jamais, _____ | c) sa sœur est réservée. |
| 4- Louise est expansive, _____ | d) il a une belle voiture. |
| 5- Il fait chaud _____ | e) il promène son chien. |
| 6- Marie est expansive _____ | f) la maison reste fraîche. |

Auto-évaluation :

Je suis capable de :	Peu	Assez Bien	Bien	Très Bien
Comprendre un document sur les innovations de la science.				
Découvrir des nouvelles technologies.				
Nommer quelques inventeurs français.				
Faire les réponses correctement.				

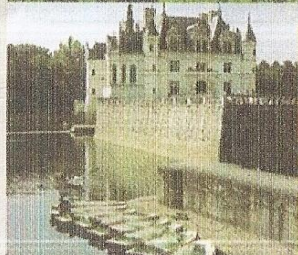
Bon Travail !

Lina Bizarro

ANEXO 12



CONTEMPLER LA BEAUTÉ / BEAUTY TO CONTEMPLATE



Le Château est ouvert
tous les jours, toute l'année
visite libre (1 à 2 heures)
visite audio guidée (45 mn ou 1h30)
brochure de visite gratuite

The Château is open
every day of the year
Unguided visit (1 to 2 hours)
Audio guided tour (45 or 90 minutes)
Free explanatory booklet (15 languages)



Dernier accès billetterie
30 minutes avant

No admission half an hour
before closing

1er Janvier au 11 Février 9h30 à 17h00
12 Février au 13 Mars 9h30 à 17h30
14 Mars au 31 Mars 9h30 à 18h30
1er Avril au 31 Mai 9h00 à 19h00
Pâques (23, 24 et 25 avril) 9h00 à 19h30
1er juin au 30 juin 9h00 à 19h30
1er juillet au 31 Août 9h00 à 20h00
1er au 30 Septembre 9h00 à 19h30
1er octobre au 21 Octobre 9h00 à 18h30
22 Octobre au 2 Novembre 9h00 à 18h00
3 Novembre au 31 Décembre 9h30 à 17h00

Réordonne :

1. Bar Restaurant
2. Toilettes gratuites
3. Espace bébés
4. Animaux bienvenus
5. Aire de pique-nique



1. Consignes gratuites
2. Aire de jeux
3. Parking gratuit
4. Aire de pique-nique
5. Accès handicapés

la boutique du Château
entrée libre
ouvert tous les jours, toute l'année

Chenonceau store
free entrance
open every day of the year



accès access

Le _____ est situé en
Touraine, à 214 Km
de _____, 34 Km de Tours. 2
heures de _____ par
l'autoroute A10 et 1 _____
par TGV Paris-Montparnasse.

Complète :

1. Paris
2. Voiture
3. Heure
4. Château

CHÂTEAU DE CHENONCEAU



CHEF-D'ŒUVRE DE LA RENAISSANCE,
JARDINS, LABYRINTHE, POTAGER,
COLLECTION MUSÉALE, EXPOSITIONS,
MISE EN FLEURS, VISITE PÉDAGOGIQUE,
MUSÉE DE CIRES, BALADE EN BARQUE,
AIRE DE JEUX, PROMENADE NOCTURNE,
RESTAURANT GASTRONOMIQUE, SALON DE THÉ...

LE CHÂTEAU VOUS ACCUEILLE
TOUS LES JOURS, TOUTE L'ANNÉE

WWW.CHENONCEAU.COM

08 20 20 90 90 (0.096 TTC/HR)

Accord parfait entre nature et architecture, c'est par son allée majestueuse que le château se donne à découvrir. Les jardins de Catherine de Médicis et de Diane de Poitiers soulignent l'élégance d'un paysage entre le ciel et l'eau. Du Jardin Vert, dessiné par Bernard Palissy, au labyrinthe italien et à l'harmonie florale du potager, souffle l'esprit de Chenonceau. La "tranquillité de l'âme" s'ajoute à l'aristocratique sérénité.

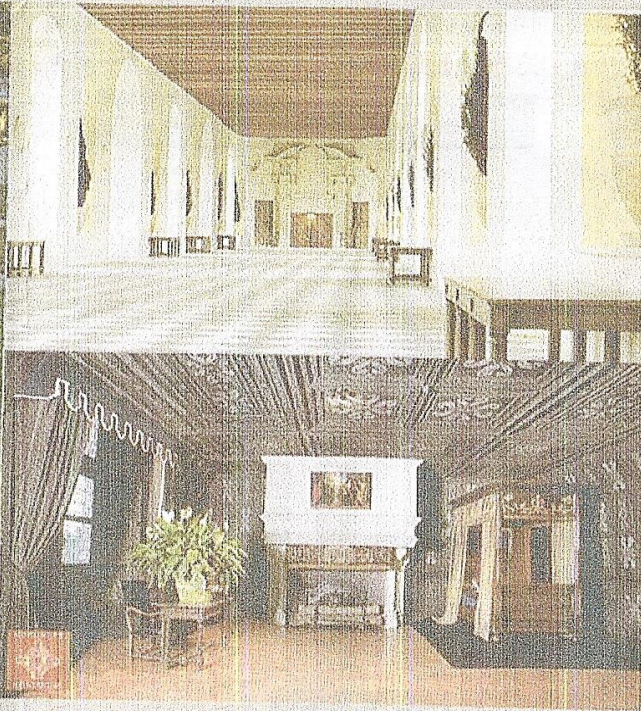
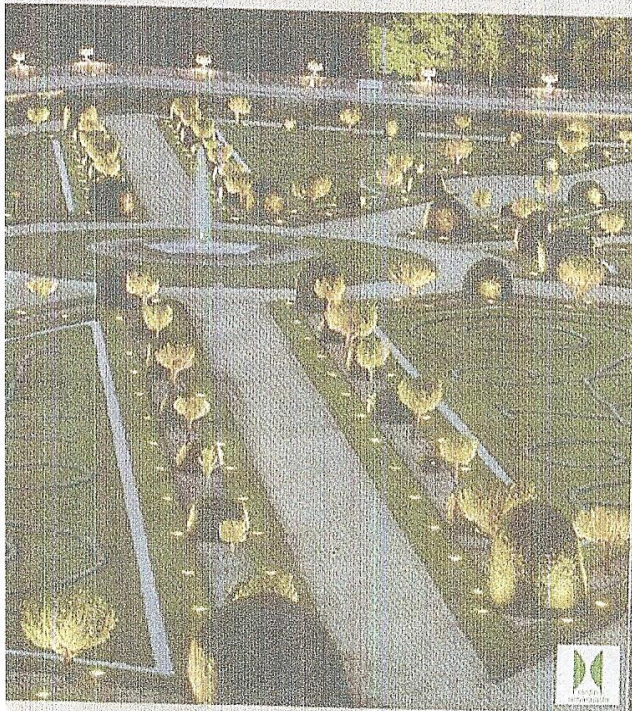
Le Château de Chenonceau possède une exceptionnelle collection muséale de peintures de grands maîtres : Murillo, Le Tintoret, Nicolas

Poussin, Le Corrège, Rubens, Le Primatice, Van Loo... Ainsi qu'une rarissime sélection de Tapisseries des Flandres du XVIème siècle. Tout au long de son histoire, ce château emblématique a toujours attiré les talents et inspiré les plus grands artistes. Transmettre la beauté, allier l'élégance de l'architecture à celle de l'esprit, c'est aussi partager un art de vivre raffiné.

Au Château de Chenonceau, la mise en fleurs de chacune des pièces, somptueusement meublées, ajoute encore au raffinement. Chambre des cinq reines, salon Louis XIV, grande galerie sur le Cher, étonnantes cuisines construites dans les piles du pont,

Cabinet Vert de Catherine de Médicis. Pas à pas, Chenonceau vous transporte à travers l'histoire, ses rêves et ses secrets.

Château visionnaire, de la Renaissance au siècle des Lumières, Chenonceau s'est en permanence nourri de l'innovation. Héritier des plus grands penseurs et philosophes du moment, ses hôtes venus du monde entier découvrent aujourd'hui la qualité de son accueil grâce à une visite libre ou audio guidée avec l'iPod vidéo (en 11 langues). Chenonceau, le Château des Dames, "The French Château".



Réponds aux questions suivantes:

Lina Bizarro 28.02.2012

1. a) Quel genre d'accord y a-t-il entre nature et architecture? _____ b) Comment peut-on découvrir le château? _____ c) Qu'est-ce que les jardins de Catherine de Médicis et de Diane de Poitiers soulignent? _____ d) Qui a dessiné le Jardin Vert? _____ e) Le château possède une exceptionnelle collection muséale de _____.

1.2. a) Forme l'antonyme _____ b) Mets l'adjectif au masculin _____ c) L'air et l'eau: donne le nom des autres deux éléments que tu connais _____ d) Écris l'adjectif au féminin _____ e) Mets l'adjectif au masculin _____

Bon
(B)

Groupe 2 : La Galerie

I. COMPRÉHENSION : Complète avec les mots du texte :

De la chambre de Diane de Poitiers, on rejoint la galerie par un petit passage. En 1576, Catherine de Médicis fait construire une galerie sur le pont de Diane. Longue de 60 mètres, large de 6 mètres éclairée de 18 fenêtres, avec son sol carrelé de tuffeau et d'ardoise. Et son plafond à solives apparentes, c'est une magnifique salle de ball. Elle fut inaugurée en 1577 lors des fêtes données par Catherine de Médicis en l'honneur de son frère le Roi Henri III. À chaque extrémité, deux belles cheminées renaissances, dont l'une n'est qu'un décor entourant la porte saillante. Durant la Première Guerre Mondiale, le propriétaire fit aménager, à ses frais un hôpital.

II - INTERACTION : Mets les répliques du dialogue dans l'ordre convenable : -Où vas-tu? -A quelle heure partons-nous? -Tu viens avec moi demain? - Je vais au Château de Chenonceau. - D'accord, je vais au Château avec toi. - Nous partons à 11 heures.

III- PRODUCTION ÉCRITE

Fais un texte de promotion touristique du Château en présentant ses pièces et ses objets les plus beaux: (maximum 8 lignes). Pour t'aider, utilise les expressions suivantes qu'il il faut choisir selon ta convenance:

À quelques kilomètres de Tours, ... Il y a ^{saute sur les piles de l'ancien moulin} le château de Chenonceau.
Le Château est très grand et très ^{riches} chers en Tapisseries,
en tableaux et architecture.
Venez découvrir des énormes et belles ^{beaux} jardins.
Vous pouvez observer le merveilleux fleuve Cher, et
profiter de un magnifique paysage!

Il y a.../ Venez découvrir/voir/connaître.../ Partez à la découverte.../ Vous pouvez...
Sachez que... /Découvrez .../ Observez .../Profitez de.../ Saviez- vous que... ?

Tapisseries

(B)

seuf
B

Groupe 1 : La chambre de Diane de Poitiers

I. COMPRÉHENSION : Complète avec les mots du texte de la brochure:

Cette pièce était de la maison du Roi Henri II. En 1559, à la mort d'Henri II, lui en combat, sa veuve la reine, se fit résider le Château de Chenonceau par Diane de Poitiers, et lui donna en échange un autre château: Chaumont-sur-Loire. La cheminée de Jean Goujon, sculpteur français de l'École de Fontainebleau porte les initiales d'Henri II et de Catherine de Médicis: un H et un C qui, entrelacés pouvaient former le D de Diane de Poitiers. Le lit à baldaquin, les poutrelles Henri II recouverts de mir (...). Remarquer également sur la cheminée un portrait de Catherine de Médicis. Deux tapisseries des Flandres représentent :

1. Le triomphe de la force
2. Le triomphe de la clarté

II - INTERACTION : Mets les répliques du dialogue dans l'ordre convenable : -Où vas-tu ? -A quelle heure partons-nous ? -Tu viens avec moi demain ? - Je vais au Château de Chenonceau. - D'accord, je vais au Château avec toi. - Nous partons à 11 heures.

III- PRODUCTION ÉCRITE

Fais un texte de promotion touristique du Château en présentant ses pièces et ses objets les plus beaux: (maximum 8 lignes). Pour t'aider, utilise les expressions suivantes qu'il il faut choisir selon ta convenance:

À quelques kilomètres de Tours, ... nous pourrions aller visiter le château de Chenonceau, une magnifique et unique château. Vous pouvez visiter aussi les jardins, les chambres (chambre de Poitiers, François Ier et des cinq reines). C'est un lieu très élégant.

Poitiers

Très incomplet!

34?

Il y a.../ Venez découvrir/voir/connaître.../ Partez à la découverte.../ Vous pouvez...

Sachez que... /Découvrez .../ Observez .../Profitez de.../ Saviez- vous que... ?

B

ANEXO 13

1. Après avoir lu attentivement les textes, réponds aux questions : ROUEN

Riche d'un patrimoine exceptionnel, représenté notamment par le label **Villes et Pays d'Art et d'Histoire**, ce cœur de Normandie est d'une extraordinaire diversité.

Traversé par l'un des plus beaux fleuves du monde, la Seine, ce **Pays de l'Impressionnisme** répondra à vos besoins de découverte et d'évasion.

Poumon vert de la vallée de Seine, ce territoire vous séduira par **son charme, son art de vivre et la convivialité** de ses hôtes.

Balades à vélo, randonnées, ou visites incontournables, les bords de Seine vous offriront d'innombrables activités, et **des émotions uniques** à vivre seul ou en famille. Sportifs, amoureux d'arts, de nature ou amateurs d'architecture, nous vous souhaitons **le plus inoubliable des séjours**.

Spécialité de la vallée de Seine, le caneton à la rouennaise est **le "plat" incontournable durant votre séjour**. Inspiré de la célèbre recette du Père Denise, un ancien aubergiste de Duclair, votre caneton sera entièrement **préparé devant vous par le chef**.

1.1. Pourquoi doit-on visiter Rouen ?

1.2. Que peut-on déguster dans cette ville?



AVIGNON



Le pont d'Avignon est l'un des monuments les plus connus au monde, et la **chanson** qui le célèbre y a beaucoup contribué, puisqu'elle est chantée par les enfants de tous les pays, jusqu'en Chine où, paraît-il, ils l'apprennent à l'école !

C'est également la ville d'Henri Bosco, et celle où en 1947 Jean Vilar fonde le Festival de théâtre d'Avignon, qui représente aujourd'hui un des plus importants festivals de théâtre de création du monde.

Les commerçants des halles, le plus ancien marché couvert de la ville, proposent toute l'année de découvrir les spécialités provençales (soupe à l'ail gratinée et accompagnée de croûtons) et les produits du terroir (vin rouge Berlingos, la gelée de coing, des figues séchées, du nougat blanc et noir, des fruits confits...) dans une ambiance incomparable. **La ville propose de nombreuses activités sportives**. Dans les airs, sur l'eau, sur les routes ou les chemins de terre, profitez de ses

nombreux aménagements sportifs : piscines, centre équestre, skate park, pistes cyclables... A proximité, vous trouverez aussi **deux golfs** dans un environnement préservé de verdure.

1.3. Quel monument et quel événement ont rendu Avignon une ville célèbre ?

1.4. Quels produits est-ce qu'on peut acheter au marché?

1.5. Quelles activités propose cette ville?

HONFLEUR

Cette ville est surtout connue pour son vieux port pittoresque, caractérisé par ses maisons aux façades recouvertes d'ardoises.

Honfleur héberge un grand nombre d'artistes peintres, d'ateliers d'artistes et de galeries d'art.

Les visites de jour, des vieux quartiers à la découverte des monuments de la ville, véritables témoins du passé historique de Honfleur : visite des Greniers à Sel, de l'église Sainte-Catherine (unique en France par sa conception)...

Les visites nocturnes "Histoires & Légendes" vous invitent à une découverte passionnante d'Honfleur à la lueur des lampes-tempête. Cette découverte de nuit des ruelles pittoresques de notre cité vous transportera au cœur du Moyen-âge et vous dévoilera les charmes insoupçonnés d'Honfleur...

La gastronomie de Honfleur est basée sur les quatre principaux produits de ses terroirs c'est-à-dire la pomme, le lait, la viande et les fruits de mer. Ces produits constituent la base de nombreuses spécialités régionales. Mais ce qui rend célèbre cette partie de la France est surtout le fameux fromage Camembert fait avec du lait pasteurisé et dont la pâte est molle avec une croûte légèrement fleurie.



Les visites nocturnes "Histoires & Légendes" vous invitent à une découverte passionnante d'Honfleur à la lueur des lampes-tempête. Cette découverte de nuit des ruelles pittoresques de notre cité vous transportera au cœur du Moyen-âge et vous dévoilera les charmes insoupçonnés d'Honfleur...

Les visites nocturnes "Histoires & Légendes" vous invitent à une découverte passionnante d'Honfleur à la lueur des lampes-tempête. Cette découverte de nuit des ruelles pittoresques de notre cité vous transportera au cœur du Moyen-âge et vous dévoilera les charmes insoupçonnés d'Honfleur...

La gastronomie de Honfleur est basée sur les quatre principaux produits de ses terroirs c'est-à-dire la pomme, le lait, la viande et les fruits de mer. Ces produits constituent la base de nombreuses spécialités régionales. Mais ce qui rend célèbre cette partie de la France est surtout le fameux fromage Camembert fait avec du lait pasteurisé et dont la pâte est molle avec une croûte légèrement fleurie.

1.6. Quelles sont les caractéristiques d'Honfleur ?

1.7. Quelle est la base de la gastronomie de cette ville ?



LE MONT SAINT-MICHEL

"Merveille de l'Occident", le Mont Saint-Michel se dresse au cœur d'une immense baie envahie par les plus grandes marées d'Europe.

Le Mont Saint-Michel, au milieu de la baie, accueille chaque année près de 3,5 millions de visiteurs, pèlerins ou simples touristes.

A l'entrée de cette cité médiévale, l'ancien Corps de Garde des Bourgeois, face aux canons, abrite l'office de tourisme. En

passant la porte du Boulevard, puis celle du Roy munie d'un pont-levis, vous rencontrez la Grande Rue avec ses musées, ses commerces et ses maisons du XV et XVIème siècles. L'Eglise Paroissiale, petit édifice du XV et XVIème siècles est dédiée à Saint-Pierre, patron des pêcheurs.

Après avoir admiré l'Abbaye, vous pourrez contempler la beauté incomparable de la Baie en descendant le chemin des remparts, ou en choisissant le chemin de ronde, sur votre gauche, jalonné de petits jardins, auquel vous avez également accès par le porche des Fanils.

L'omelette de la Mère Poulard est la spécialité culinaire du [Mont Saint-Michel](#). Il s'agit d'une **omelette soufflée**, quelquefois additionnée de crème fraîche.

1.8. Où se situe le Mont Saint-Michel ?

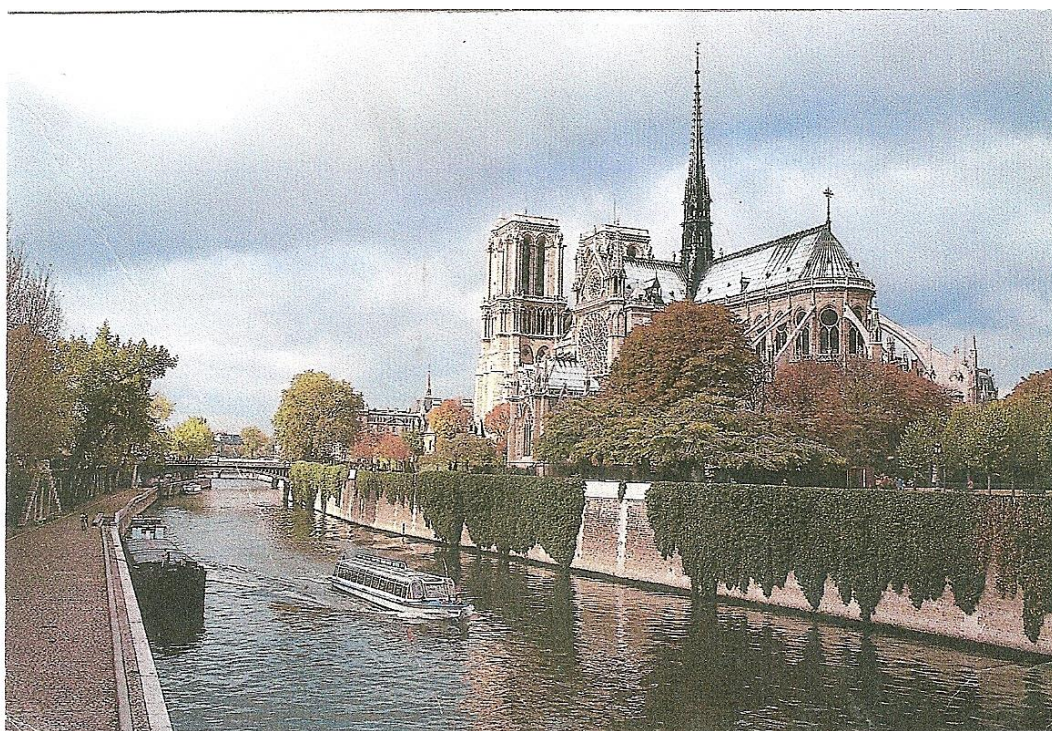
1.9. Combien de touristes visitent par an cet endroit ?

1.10. Quelle est la spécialité culinaire de cet endroit ?

Le 20 mars 2012,

Lina Bizarro

ANEXO 14



Le 15 mars 2012

Chez Maman, chez Papa!

Juste une petite carte pour
vous dire que mes vacances
se déroulent à merveille!
Je suis à Paris. La Cathédrale
Notre Dame est superbe.

Hier, je me suis balladé
sur les quais de la Seine
et j'ai dîné dans un bistrot.
C'était délicieux!

J'espère que vous allez bien.
À très bientôt!

Bisous, Jean



Marie et François Nugeron

113, Ter, av. Charles

de Gaulle

92 - Neuilly

Os desafios...

da implementação do novo programa de português

O Núcleo de Estágio de Português/Francês tem o prazer de convidar os professores da Escola Secundária Fernão Mendes Pinto para assistir à palestra realizada pelo Professor Doutor João Costa que desempenha igualmente o cargo de Subdiretor da Investigação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, na Universidade Nova de Lisboa. O tema pretende relevar *Os desafios da implementação do novo programa de português*.

Este evento realizar-se-á no dia 17 de abril às 17h30 no Auditório.

Contamos com a sua presença.

Cordialmente,

Lina Bizarro e Sylvie Narciso

21/03/2012

ANEXO 16



CERTIFICADO

Certifica-se que **Lina Maria Vieira da Silva de Jesus** participou na Ação "*E-manual de Português: instrumento e recurso pedagógico*", promovida pela Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, em colaboração com a Porto Editora, no dia 15 de Novembro de 2011.

Almada, 15 de Novembro de 2011.

A coordenadora de Português,

Maria Joaquina de Lato

O Director,

[Handwritten Signature]

